CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA – UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Hélia Maria Moura de Oliveira

A INCLUSÃO DIGITAL MEDIADA PELO DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rio de Janeiro – RJ
2024

Hélia Maria Moura de Oliveira

A inclusão digital mediada pelo docente no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Lidice de Moraes Valim

Rio de Janeiro – RJ
2024

HÉLIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA

A INCLUSÃO DIGITAL MEDIADA PELO DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSA LIDICE DE MORAES VALIM
Data: 24/05/2024 09:54:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Rosa Lidice de Moraes Valim, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Regina Célia Pereira de Moraes, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Albertina Maria Batista de Sousa da Silva, D. Sc. (IFRJ)

Rio de Janeiro

2024

O46i Oliveira, Hélia Maria Moura de
A Inclusão Digital Mediada pelo Docente no Processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos / Hélia Maria Moura de Oliveira. – Rio de Janeiro, 2024.
99 f.

Orientadora: Rosa Lídice de Moraes Valim.
Coorientador: Alessandro Jatobá.
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1. Inclusão Digital. 2. Educação Inclusiva e Cidadã. 3. Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. 4. Professor Alfabetizador. I. Valim, Rosa Lídice de Morais, prof. orient. II. Jatobá, Alessandro, prof. coorient. III. Título.

CDD

Dedico este trabalho à professora Rosa Lidice, que me apoiou desde o início e acompanhou minha trajetória na escrita, as dificuldades enfrentadas, me auxiliando, aconselhando, ajudando em situações complicadas no processo de construção deste material, me incentivando a escrever.

Dedico também à minha família, minha mãe, meu pai (*in memoriam*) e irmãos, pelo apoio incondicional durante a caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos meus Orixás, por ter conseguido conquistar o desejo de fazer o mestrado. De primeiro pensei, mestrado em novas tecnologias digitais..., mas depois cheguei à conclusão de que deveria enfrentar o desafio. E cá estou. Acolhimento não faltou: professores e professoras do mestrado, minha família, amigos, o campo de estágio. Privações foram muitas, mas, aos poucos, fui vencendo para conquistar meu objetivo.

Agradeço de primeira mão aos meus pais, Maria Conceição do Carmo Moura, que, mesmo com Alzheimer, pergunta se estou bem, se comi, se estudei, abrindo mão da minha presença, que lhe é tão cara, para que eu foque no objetivo traçado. A meu pai, Hélio Moura (*in memoriam*), que hoje é uma estrela brilhante no céu, sempre me olhando, me incentivando nas minhas escolhas. Se galgo mais um degrau da minha vida acadêmica, palavras são poucas para agradecê-los pelo caminho que me proporcionaram, diga-se de passagem, com muito sacrifício.

Às minhas irmãs, Cláudia Maria Moura e Ana Cristina Moura, que por vezes abriram mão de muita coisa, me poupando para que eu focasse no mestrado. Ao meu irmão, Hélio Moura Filho, pelo incentivo.

Ao meu namorado, Hélio Pereira, sempre me incentivando.

À Sacha e à Dara (*in memoriam*), com seus olhinhos caninos aprovadores e gentis.

Às minhas amigas Geisa Faria Baptista, Claudia Eugênia Alvim e Adriana Martins Gama, porque em tudo que eu pedia, me auxiliavam, sem sequer pensar duas vezes.

Agradeço à Viviane Evangelista, Jéssica Augusto e Susan Vergna; sem elas, a caminhada seria mais árdua. Entrei para o mestrado e ganhei três amigas.

Agradeço à professora Rosa Lidice pelos ensinamentos, sua amizade, seu carinho. A professora Rosa foi um divisor de águas neste mestrado, mostrando os caminhos a seguir, sempre com sua generosidade, sorriso franco e aberto.

Não se pode falar em educação sem amor.

Paulo Freire (1921-1997)

RESUMO

Tecnologias digitais para a educação inclusiva e cidadã de jovens e adultos representou o tema sobre o qual se debruçou este projeto. A respeito do mencionado tema, postulou-se sobre a inclusão digital para os jovens e adultos, que os auxilia a assimilar melhor as informações, processando seus conhecimentos e propiciando a interação formal e não formal entre os grupos. Esta pesquisa questionou: como o docente envolvido na Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode trazer para sua prática pedagógica certas tecnologias digitais de forma estratégica para alfabetizar jovens e adultos? Acredita-se que a presença das tecnologias digitais mediadas pelo docente no ambiente educacional enriquece com contribuições o aprendizado na EJA, tornando possível a aquisição e ampliação da inclusão digital de jovens e adultos de forma ativa, como coautores do processo, facilitando o desenvolvimento intelectual dos alunos dentro e fora da sala de aula, aproximando-os das tecnologias atuais, gerando novos espaços de socialização para esses indivíduos alcançarem seus objetivos, autonomia, inclusão digital, bens culturais e, enfim, ratificarem sua cidadania. Objetivou-se aqui refletir acerca das tecnologias digitais de ensino mais apropriadas à educação de jovens e adultos, considerando o discente como coautor do processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização e o aprendizado crítico e eficaz. A fim de consubstanciar a dissertação aqui proposta, foi necessário: (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito das metodologias trabalhadas na alfabetização dos alunos da EJA; (2) realizar pesquisa bibliográfica acerca da formação do professor alfabetizador na EJA, do processo de ensino-aprendizagem junto a jovens e adultos e do uso de tecnologias digitais para potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização e o aprendizado crítico e eficaz; (3) realizar a preliminar de pesquisa, respeitando as normativas da Resolução nº 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, para compreender os contornos associados ao processo de alfabetização de jovens e adultos; (4) realizar entrevistas para entender como as tecnologias digitais podem trazer contribuições para a prática pedagógica do docente envolvido na EJA; (5) analisar os dados obtidos nas entrevistas à luz dos dados bibliográficos – valendo-se da técnica da análise de conteúdo de Bardin (2016) –, com vistas a compreender informações relevantes a respeito de como a inclusão digital pode favorecer, instrumentalmente, os discentes da EJA. Dados do campo sugerem que: (1) os profissionais, com sua longa trajetória na EJA e com formação em nível superior, estão comprometidos com sua contínua capacitação e reconhecem que a educação tem o poder de capacitar os indivíduos a desempenharem papéis mais autônomos na sociedade; (2) a EJA tem como objetivo promover a inclusão social e combater o analfabetismo, além de fornecer habilidades profissionais essenciais para a integração desses indivíduos no mercado de trabalho e na comunidade em geral – no entanto, a preocupação com a evasão escolar é uma questão premente e precisa ser abordada, pois pode comprometer os avanços alcançados em termos de inclusão e desenvolvimento pessoal dos estudantes –; (3) integrar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) no currículo é importante para enriquecer as atividades educacionais, mesmo enfrentando desafios no processo, pois elas oferecem oportunidades para engajar os alunos e tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo. Ao final desta pesquisa, propôs-se um *e-book* que trata do desenvolvimento de jogos educativos no apoio à alfabetização de jovens e adultos na EJA, integrando aprendizagens formais e informais como ferramentas facilitadoras do ensino-aprendizagem. A ideia é que os jogos sejam acessados através de um *link* disponibilizado no *WhatsApp*, garantindo que os alunos possam chegar a eles facilmente, a partir de qualquer dispositivo com acesso à internet.

Palavras-chave: Inclusão digital; educação inclusiva e cidadã; alfabetização; Educação de Jovens e Adultos; tecnologias digitais.

ABSTRACT

Digital technologies for inclusive and citizen education of young people and adults represented the theme on which this project focused. Regarding the aforementioned theme, it was postulated about digital inclusion for young people and adults, which helps them to better assimilate information, processing their knowledge and providing formal and non-formal interaction between groups. This research questioned: how can the teacher involved in Youth and Adult Education (EJA) bring to their pedagogical practice certain digital technologies in a strategic way to alphabetize Young People and Adults? It is believed that the presence of digital technologies mediated by the teacher in the educational environment enriches with contributions the learning in EJA, making possible the acquisition and expansion of the digital inclusion of young people and adults in an active way, as co-authors of the process, facilitating the intellectual development of students inside and outside the classroom, bringing them closer to current technologies, generating new spaces of socialization for these individuals to achieve their goals, autonomy, digital inclusion, cultural goods and, finally, ratify their citizenship. The objective here was to reflect on the most appropriate digital teaching technologies for the education of young people and adults, considering the student as co-author of the teaching-learning process in order to enhance interest, pleasure, autonomy, inclusion, socialization, critical and effective learning. In order to embodied the dissertation proposed here it was necessary: (1) to carry out bibliographic research about the methodologies worked on the literacy of students of Youth and Adult Education; (2) to carry out bibliographic research about the training of the literacy teacher in Youth and Adult Education, the process of teaching learning with young people and adults and the use of digital technologies to enhance interest, pleasure, autonomy, inclusion, socialization, critical and effective learning; (3) carry out the preliminary research, respecting the regulations of resolution 510 of 2016 of the National Health Council, to understand contours Associated with the process of literacy of young people and adults; (4) conduct interviews to understand how digital technologies can bring contributions to the pedagogical practice of the teacher involved in the education of young people and adults; (5) analyze the data obtained in the interviews in the light of the bibliographic data - using the technique of content analysis of Bardin (2016) - with ways to understand relevant information about how digital inclusion can favor, instrumentally, students of EJA. Data from the field suggest that: (1) professionals with their long trajectory in Youth and Adult Education (EJA), with higher education are committed to their continuous training and recognize that education has the power to enable individuals to play more autonomous roles in society; (2) EJA aims to promote social inclusion and combat illiteracy, in addition to providing essential professional skills for the integration of these individuals into the labor market and the community in general (however, the concern with school dropout is a pressing issue and needs to be addressed, because Can compromise the advances achieved in terms of inclusion and personal development of students); (3) integrating information and communication technologies (ICTs) into the curriculum is important to enrich educational activities, even facing challenges in the process (as they offer opportunities to engage students and make learning more dynamic and interactive). At the end of this research, an e-book was proposed that deals with the development of educational games in support of the literacy of young people and adults in EJA, integrating formal and informal learning as a facilitating tool of teaching-learning. The idea is that the games are accessed through a link made available on WhatsApp, ensuring that students can reach them easily from any device with internet access.

Keywords: Digital inclusion; inclusive and citizen education; literacy; Youth and Adult Education; digital technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade em grupo 30
Figura 2 – Atividade prática: confecção da iguaria italiano 33
Figura 3 – Fragmentos da Carta de Compromisso 34
Figura 4 – Professoras interagindo com seus alunos 36
Figura 5 – Alunos da EJA construindo atividades em grupo 44
Figura 6 – Localização da UE Alberto Francisco Torres 58
Figura 7 – Localização da UE Altivo César 59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Riscos e as ações tomadas para mitigá-los 48
Quadro 2 – Apresentação dos dados da preliminar de pesquisa 51
Quadro 3 – Achados mais relevantes 54
Quadro 4 – Dados do campo 60
Quadro 5 – Dados pertinentes do campo 69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CES	Centro de Estudos Supletivo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNCA	Campanha Nacional de Combate ao Analfabetismo
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CPC	Centro Popular de Cultura
EAD	Educação à Distância
EAP	Equipe de Articulação Pedagógica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
NEST	Núcleo de Estágio
ONU	Organização das Nações Unidas
PAS	Programa de Alfabetização Solidária
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PEJA	Projeto de Educação de Jovens e Adultos
PROEJA	Programa de Educação de Jovens e Adultos
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONERA	Programa Nacional de Reforma Agrária
SEA	Serviço de Educação de Adultos
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TAI	Termo de Anuência Institucional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
1.1 Inquietação 16
1.2 Caracterização do problema 17
1.3 Hipótese 18
1.4 Tecnologia na educação 18
1.5 Relevância 19
1.6 Objetivo geral 20
1.7 Objetivos específicos 20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 21
2.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA): breve histórico 22
2.1.1 Caminhos históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) 22
2.1.2 Marcos legais sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) 28
2.2 Ensino e aprendizagem de jovens e adultos 29
2.2.1 Processos e metodologias 30
2.2.2 BNCC e prática pedagógica na EJA: um enfoque integrado 34
2.3 Formação do professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos 36
2.3.1 Histórico 36
2.3.2 Formando educadores para uma sociedade em evolução 40
2.4 Tecnologias digitais para um aprendizado mais crítico e eficaz aos alunos da EJA 41
3 PERCURSO METODOLÓGICO 45
3.1 Alicerces da preliminar de pesquisa 45
3.2 Alicerces do campo 46
3.3 Análise dos dados 47
3.4 Riscos e benefícios 48
3.5 Contornos inerentes ao produto da dissertação 49
4 PRELIMINAR DE PESQUISA 50
4.1 Preliminar de pesquisa – apresentação dos dados 50
4.2 Achados e discussões 53
5 CAMPO: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 57
5.1 Caracterização das unidades escolares pesquisadas para o campo 57
5.2 Dados do campo: tabulação 60
6 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES 69
6.1 Função social da EJA 70
6.2 Desafios enfrentados 71
6.3 Acesso e uso de tecnologias na EJA 73

7 CONCLUSÕES 76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 79
APÊNDICES 85
Apêndice I – Produto Consolidado 85
Apêndice II – TCLE 87
Apêndice III – Questionário 88
ANEXOS 89
Anexo I – Termo de Anuência Institucional 89
Anexo II – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo 90
Anexo III – Jogos Educativos Digitais 96

1 INTRODUÇÃO

Tecnologias digitais para a educação inclusiva e cidadã de jovens e adultos representou o tema sobre o qual se debruçou esta dissertação intitulada *A inclusão digital mediada pelo docente no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos*. A respeito do mencionado tema, postulou-se sobre a inclusão digital para os jovens e adultos que ela os auxilia a assimilar melhor as informações, processando seus conhecimentos e propiciando a interação formal e não formal entre os grupos (Vasconcelos; Silva; Silva, 2018).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, visa atender às necessidades dos jovens e adultos que não tiveram a oportunidade ou não concluíram os estudos na idade regular. Além da equivalência de direitos e oportunidades educacionais, a LDB estabelece outros princípios para a EJA, como igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de qualidade de ensino, a valorização da experiência escolar anterior e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho a as práticas sociais (Brasil, 2012). Nessa modalidade, o docente busca um currículo transformador para o educando jovem e o educando adulto.

Tecnologias digitais para uma educação mais inclusiva podem ser compreendidas como um recurso para promover a educação mais inclusiva e acessível. Essas tecnologias oferecem recursos e ferramentas que vêm auxiliar alunos com diferentes necessidades e perfis, além de permitir uma maior flexibilidade no processo de aprendizagem. E, para além, podem dar um arcabouço de novas competências aos docentes na democratização de suas práticas pedagógicas. As tecnologias digitais devem ser utilizadas de forma consciente, crítica e autônoma, respeitando as particularidades e a diversidade dos alunos da EJA (Vasconcelos, Silva; Silva, 2018), e também de maneira que todos tenham acesso a esses recursos tecnológicos necessários à participação plena de uma educação inclusiva, que objetiva garantir a igualdade de oportunidades e o acesso ao conhecimento, independentemente da origem, raça, gênero, idade, condição física e mental.

A pesquisa foi realizada com a educação inclusiva e cidadã utilizando as tecnologias digitais como mediadoras, com a finalidade de aproximar o discente dessas tecnologias digitais, gerando um novo âmbito para esse aluno ser introduzido na sociedade com melhores oportunidades, diminuindo o abismo social (Silva; Gomes, 2021). E o papel do docente, num viés pedagógico, é alfabetizar esses alunos jovens e adultos, atendendo-os para que alcancem a igualdade de oportunidades e a inclusão social (Aranha; Souza, 2018).

Este capítulo segmenta-se em partes, a saber: o item 1.1 discorre sobre a inquietação; o item 1.2 se debruça sobre a caracterização do problema; o item 1.3, sobre a hipótese; 1.4, sobre tecnologias na educação; o item 1.5 é sobre a relevância da pesquisa; o item 1.6, sobre o objetivo geral; por último, o item 1.7 descreve os objetivos específicos inerentes a esta pesquisa.

1.1 Inquietação

A fase de alfabetização permite aos alunos comunicarem-se de maneira que compreendam melhor o mundo a seu redor. Durante esse processo, as noções sobre língua e linguagem e os métodos de ensino têm influenciado as abordagens educacionais. A alfabetização é vista como mais do que aprender a ler e escrever, é reconhecida como uma prática sociocultural, na qual os alunos se envolvem ativamente, incorporando-a em suas vidas cotidianas e compreendendo seu papel na sociedade.

O professor alfabetizador da EJA enfrenta maiores desafios, pois o processo de aquisição da leitura e da escrita pode ser um divisor entre a evasão escolar e a permanência desse público na escola, visto que a dificuldade apresentada por esses alunos é maior do que daqueles que desenvolvem esse processo na infância, pois são pessoas que enfrentam preconceitos, críticas e discriminação.

Os professores, como coautores no processo de alfabetização, desempenham um papel na promoção do desenvolvimento dos alunos da EJA. Eles são capazes de identificar seus alunos, adaptando sua metodologia de ensino. E os discentes são os coconstrutores, junto aos docentes, ou seja, a ideia da construção do conhecimento é baseada numa construção social e dialógica, em que os indivíduos aprendem melhor quando interagem com outras pessoas e compartilham suas ideias e experiências. Ao trabalharem juntos, professores e alunos podem criar um ambiente colaborativo, onde todos podem dialogar com os conceitos, apreensão das informações e ter um maior envolvimento com o processo de aprendizagem.

A partir da minha vivência, posso afirmar que é comum encontrarmos alfabetizadores na EJA que desenvolvem o mesmo trabalho que é feito com as crianças, sem buscar uma adequação significativa e condizente com o contexto discente. Para uma maior aderência desses jovens e adultos, o alfabetizador deve se posicionar como um coautor dos alunos, participando ativamente do processo de construção do conhecimento. Sendo assim, busquei trabalhar com a coautoria docente no processo de alfabetização da EJA, pois me inquieta perceber que há docentes atuantes na alfabetização da EJA que ainda trazem metodologias, recursos e relações

que não atendem à faixa etária em análise, com práticas infantilizantes e, portanto, não condizentes com a realidade (Teixeira; Senna, 2005).

1.2 Caracterização do problema

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não tiveram acesso à escolarização na idade adequada, possibilitando a continuidade dos estudos e a conclusão dos ensinos Fundamental e Médio. A andragogia, **c**iência e prática de educar adultos, baseia-se em um conjunto de princípios específicos que reconhecem as características e necessidades únicas dos aprendizes adultos na EJA, ajudando os alunos a desenvolverem as competências e habilidades necessárias para viver de forma mais autônoma e ativa na sociedade e oferecendo ao docente uma ampla gama de estratégias para tornar o aprendizado mais significativo (Bellan, 2005).

O direito à educação é um dos princípios fundamentais da Constituição Brasileira de 1988 – artigo 205. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a característica central reside na superação das barreiras que historicamente negaram aos jovens e adultos acesso pleno à sua formação e desenvolvimento. Essas barreiras muitas vezes estão enraizadas em experiências de marginalização social, étnica, de gênero ou econômica. A EJA busca corrigir essa injustiça, oferecendo oportunidades educacionais inclusivas e adaptadas às necessidades específicas desse público. Ela atua como um mecanismo de resgate desses direitos, pois não só reconhece as injustiças que muitos jovens e adultos enfrentam em termos de acesso à educação, mas também procura reverter essas injustiças, oferecendo oportunidades de aprendizado que antes lhes foram negadas.

Há um número significativo de jovens e adultos que ainda não estão alfabetizados, mesmo com o crescimento de ofertas no Ensino Fundamental no decorrer dos anos. Essa discussão vem à tona, pois é crescente a demanda pela EJA, na qual esse público vê uma oportunidade grande e diversificada de recuperar o tempo perdido, por várias questões e motivos, e, consequentemente, serem incluídos na sociedade letrada.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino sancionada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou Lei nº 9394/96, que, em seu artigo 37, afirma sua destinação aos que não puderam ter acesso ou oportunidade de estudos nos ensinos Fundamental e Médio na idade adequada. Dessa forma, a EJA foi assumida pelas esferas municipais e estaduais, com algumas e ínfimas modificações metodológicas, sendo oferecida no turno da noite, facilitando o acesso dos alunos que trabalham durante o período diurno.

Na maioria das vezes, os profissionais que atuam na formação desses alunos jovens e adultos são os mesmos que lecionam a alunos do Ensino Fundamental e Médio nos horários regulares e na faixa etária esperada. Porém, trata-se de um público com características próprias e específicas, mais maduros e com interesses e motivações bastante diferenciados do ensino regular.

Diante das particularidades desse contexto, surgem diversos questionamentos. Entre eles, destaca-se o problema norteador desta pesquisa: como o docente envolvido na Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode trazer para sua prática pedagógica certas tecnologias digitais de forma estratégica para alfabetizar jovens e adultos?

1.3 Hipótese

Acredita-se que a presença das tecnologias digitais, mediada pelo docente no ambiente educacional, enriquece com contribuições o aprendizado na EJA, tornando possível a aquisição e ampliação da inclusão digital de jovens e adultos de forma ativa, como coautores do processo, facilitando o desenvolvimento intelectual dos alunos dentro e fora da sala de aula, aproximando-os das tecnologias atuais, gerando novos espaços de socialização para esses indivíduos alcançarem seus objetivos, autonomia, inclusão digital, bens culturais e, enfim, ratificarem sua cidadania.

1.4 Tecnologia na educação

A tecnologia pode ser utilizada para promover o aprendizado, permitindo o acesso a recursos educacionais e facilitando a comunicação entre os alunos e professores. A inclusão digital consiste em um aspecto na alfabetização de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), fazendo com que esses alunos tenham acesso às habilidades digitais necessárias para se tornarem cidadãos plenos e competentes.

O contato com as tecnologias abre novas oportunidades para o desenvolvimento social, intelectual, econômico e político do cidadão. Entretanto, o professor precisa reconhecer o seu papel e refletir sobre a concepção da aprendizagem adotada, relacionando-a com a sua prática pedagógica (Vasconcelos; Silva; Silva, 2018). É necessário que o uso e a inovação tecnológica não estejam a serviço da reprodução de conhecimentos baseada meramente no empirismo, mas favorecendo o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, entendemos que há uma necessidade de refletir sobre o uso das tecnologias em prol do desempenho das práticas

pedagógicas dos docentes e da interação delas para a aprendizagem e viabilidade na alfabetização dos alunos da EJA. Além disso, a inclusão digital auxilia a aprendizagem fora da sala de aula, permitindo que os alunos acessem materiais educacionais, pratiquem suas habilidades em casa e interajam com as tecnologias digitais de informação e comunicação, facilitando seu cotidiano:

> Tendo em vista a atual sociedade dotada de recursos tecnológicos, compreendemos que as TICs devem ser elementos didáticos e de qualificação da alfabetização e letramento dos sujeitos envolvidos na EJA, para que, de fato, seus participantes tenham acesso e possam ser incluídos no processo de informatização da sociedade, e sua alfabetização seja qualificada e promotora de letramentos digitais (Lima; Almeida, 2015, p. 7).

Segundo Freire (2019), a alfabetização de jovens e adultos na EJA baseia-se em uma pedagogia dialógica, que envolve a reflexão crítica sobre a realidade e a construção do conhecimento de forma participativa. Freire e Maturana (2017) pensam a educação de forma análoga ao problema da objetividade e o papel do amor na constituição do ser humano: o primeiro voltado para uma relação intersubjetiva centrada nos sujeitos, e não nos objetos e nas relações lógicas cientifizantes – a pedagogia do amor, esperança e fé; o segundo voltado para a biologia da cognição, na qual as relações biológicas são essenciais na harmonia entre os seres vivos e o meio ambiente e outros seres vivos, num espaço de convivência que se baseia nas relações verdadeiras entre os seres vivos, desejável e bom para todos – a aprendizagem está na emoção, nas relações amorosas. Para ambos os autores, em nenhum currículo, em nenhum ambiente educacional pode faltar respeito mútuo.

1.5 Relevância

Arroyo (2017) traz as características, necessidades e especificidades dos alunos adultos, que possuem experiências de vida, conhecimentos e saberes prévios que devem ser valorizados no processo educativo. Destaca, também, a relação entre o ensino e o mundo do trabalho, visto que os alunos da EJA buscam a escolarização como forma de melhorar sua qualificação profissional e suas condições de vida. Nesse sentido, a EJA deve ser capaz de reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica e social dos alunos, criando uma educação que esteja em sintonia com suas realidades. Vasconcelos (2018) entende que a inclusão digital é um recurso para a promoção da educação de jovens e adultos na alfabetização, proporcionando aos alunos novas formas de acesso ao conhecimento, cultura e informação, permitindo que esses sujeitos tenham mais autonomia e participem de forma mais efetiva na sociedade.

É nesse panorama que esta pesquisa se debruçou, apresentando e refletindo sobre a alfabetização dos alunos da EJA, numa perspectiva de uma pedagogia dialógica que envolve a reflexão crítica sobre a realidade e a construção do conhecimento de forma participativa entre o docente e o discente, e sobre como o docente pode ser parceiro de seus alunos da EJA explorando as tecnologias digitais, de forma que estas possam favorecer o processo de ensino e aprendizagem, ampliando a aquisição de conhecimentos e facilitando o processo de desenvolvimento intelectual do aluno, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa que favoreça ambientes de aprendizagem significativos.

1.6 Objetivo geral

Pretendeu-se aqui observar se a inclusão digital contribui com estratégias metodológicas de ensino mais apropriadas à alfabetização de jovens e adultos, considerando o discente como coautor do processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização e o aprendizado crítico e eficaz.

1.7 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral proposto, foi preciso tomar os seguintes passos: (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito das metodologias trabalhadas na alfabetização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos; (2) realizar pesquisa bibliográfica acerca da formação do professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos, do processo de ensino-aprendizagem junto a jovens e adultos, do uso de tecnologias digitais para potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização e o aprendizado crítico e eficaz; (3) realizar a preliminar de pesquisa, respeitando as normativas da Resolução nº 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, para compreender contornos associados ao processo de alfabetização de jovens e adultos – perfil do aluno, perfil do professor, idade, ofertas, acesso, permanência, evasão escolar, metodologias e tecnologias digitais que correspondem e não correspondem às necessidades dos alunos –; (4) entrevistar profissionais envolvidos na alfabetização de jovens e adultos, por meio de perguntas semiestruturadas; (5) analisar os dados obtidos nas entrevistas por meio da técnica da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2016).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica a seguir apresentada faz-se essencial à compreensão deste trabalho de pesquisa. Teorias existentes sobre o assunto em pauta foram aqui analisadas para trazer luzes à modalidade de ensino conhecida como Educação de Jovens e Adultos (EJA), "(...) área caracterizada pela diversidade de ações e espaços" (Nobre; Siqueira, 2019, p. 1), fornecendo uma visão geral do que os leitores interessados no tema podem esperar encontrar ao longo do texto e sua relação com o problema de pesquisa, tendo como referência a literatura sobre o assunto (Gil, 2016).

Este capítulo encontra-se dividido em quatro tópicos e propõe uma discussão a respeito das tecnologias digitais para uma educação inclusiva e cidadã de jovens e adultos, num olhar sobre as questões da EJA na perspectiva histórica, processos e metodologias no ensino e aprendizado da modalidade, a formação do professor alfabetizador e das tecnologias digitais como arcabouço da aprendizagem dos jovens e adultos.

Inicialmente, ao debater a questão no tópico 2.1 *A educação de jovens e adultos (EJA): breve histórico*, permeou-se o assunto fornecendo uma visão geral dos principais eventos, marcos e desafios enfrentados pela EJA ao longo do tempo.

Na sequência, o tópico 2.2 *Ensino e aprendizagem de jovens e adultos: processos e metodologias* explicita os caminhos metodológicos para o ensino da EJA, com o "intuito de flexibilizar os procedimentos aplicados no processo de ensino e aprendizagem dos educandos matriculados nesta modalidade" (Souza; Silva, 2011), auxiliados pelas tecnologias digitais aliadas no processo educativo, com várias possibilidades, melhores informações, inserindo os jovens e adultos no mundo tecnológico, com vistas à inserção e interações sociais.

Posteriormente, há o tópico 2.3 *Formação do professor alfabetizador na EJA*. Certamente, abordar o tema da alfabetização de jovens e adultos e discutir o acesso negado à educação para aqueles que foram excluídos do sistema escolar equivale a destacar a privação de uma parcela significativa da população de sua formação profissional (Silva *et al*., 2021). Percebe-se o papel do professor alfabetizador na inserção do jovem e do adulto no mundo do ensino formal. Nesse contexto, o professor é um coautor e parceiro do aluno no processo de leitura e escrita, considerando a bagagem e as experiências adultas que esse jovem e esse adulto trazem, visão de mundo, peculiaridades nas relações com a escola, com a vida e com os outros. Mudar é difícil, mas possível, porque, para Freire (1997, p. 1), "o homem deve ser um sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém".

O último tópico, 2.4, traz as *Tecnologias digitais para um aprendizado crítico e eficaz dos alunos da EJA*. Discute-se o foco, que reside na contemplação de temas como cidadania, educação e a inclusão das tecnologias digitais no contexto da Educação de Jovens e Adultos (Dias; Dias, 2020). Propósito esse que vem ocupar seu papel do uso das tecnologias digitais para o processo educativo se tornar emancipador e, de fato, interagir por meio de oportunidades iguais no mercado de trabalho, do prazer e interesse de frequentar a escola, de potência, engajamento e empoderamento social.

2.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA): breve histórico

Os caminhos da EJA, historicamente falando, passam pelo interesse que os adultos tinham em aprender a leitura e a escrita, para pelo menos conseguirem escrever o próprio nome. Essa vontade de aprender as primeiras letras sempre é abordada em conversas sobre a falta de oportunidades de muitos e a própria história de nosso país. Educação para a elite, para os demais, trabalho, sem perspectivas de aprendizagem formal. Para Machado (2019, p. 157) "a educação de jovens e adultos experimenta sua historicidade, em diferentes contextos, o que podemos aqui denominar de processos de subalternização dos sujeitos".

2.1.1 Caminhos históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

À época da colonização do Brasil, não havia oportunidades às classes desfavorecidas na pirâmide social. O acesso à instrução escolar era privilégio das classes abastadas, a elite dominante, por títulos de nobreza e fatores econômicos. O *status quo* era mantido para que houvesse o dominador e o dominado. Quando os desfavorecidos recebiam qualquer acesso à instrução escolar, era indiretamente. Segundo Ghiraldelli Jr. (2008, p. 24), "a educação escolar no período colonial (...) teve três fases: a do predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal (...) e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a Corte para o Brasil (1808-1821)".

A Companhia Missionária de Jesus tinha como finalidade não apenas a transmissão de conhecimentos científicos escolares, mas catequizar (iniciação e fé) e ensinar a leitura e a escrita em português aos nativos indígenas que habitavam a colônia portuguesa, não havendo iniciativas governamentais significativas, porque era um aprendizado assistemático.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, a educação, que não era o objetivo do governo à época, perdeu seu foco, entrando em colapso. O Marquês de Pombal assumiu,

iniciando a Era Pombalina, de natureza anticlerical e com objetivos bem definidos de atender aos interesses do Império, inclusive na organização e emprego da educação brasileira. A identidade do sistema educacional, moldado para atender às necessidades da elite dominante, oferecia aulas régias centradas em disciplinas como latim, grego, filosofia e retórica. Essas aulas eram direcionadas aos filhos dos colonizadores, predominantemente brancos e do sexo masculino. Como resultado, o sistema educacional brasileiro era evidentemente direcionado à elite, deixando de fora a população negra e indígena.

A Constituição Imperial de 1824 traz, no artigo 179, além dos direitos civis e políticos, a gratuidade da instrução primária para todos os cidadãos e a criação de colégios e universidades. O Brasil passou a ter obrigatoriedade do ensino primário, mas os adultos pobres excluídos da sociedade não tinham esse direito. A educação pretendia ser universal, porém estava na mão de uma minoria. Faltavam bases financeiras, professores, enfim, estruturas para atender à população. Essa legislação não foi adiante, pois interesses maiores sobrepujaram-na.

Discussões foram feitas sobre a inserção das camadas consideradas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros libertos) na educação formal. A partir do Ato Constitucional de 1834, as províncias ficaram responsáveis pela "instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas foi designada para jovens e adultos". Naquele contexto, a educação de jovens e adultos tinha um viés de "princípio caridoso" (Strelhow, 2010, p. 51). Quem ensinava esses jovens e adultos, perigosos e degenerados, eram pessoas letradas, que faziam isso por atos de caridade, pois "era preciso 'iluminar' as mentes que viviam nas trevas da ignorância para que houvesse progresso" (Stephanou; Bastos, 2005, p. 261).

Em 1879, deu-se o processo da Reforma Leôncio de Carvalho, que intitulava o analfabeto como dependente e incompetente. Em 1881, a Lei Saraiva veio corroborar a Reforma Leôncio de Carvalho, só permitindo que votassem as pessoas alfabetizadas. Em 1882, Rui Barbosa trouxe a ideia de que os "analfabetos são considerados, assim como crianças, incapazes de pensar por si próprios" (Strelhow, 2010, p. 51). Em 1891, o voto passou a ser restrito às pessoas que tinham poder econômico e educação formal. A discriminação e exclusão da pessoa analfabeta estava garantida em lei.

A partir do século XX, "ligas contra o analfabetismo, fundadas por intelectuais, médicos e industriais imbuídos de fervor nacionalista, visam erradicá-lo e pregam o patriotismo, moralismo e civilismo" (Melo; Silva; Lopiezo, 2020, p. 134). Mas essas ligas tinham um objetivo claro, que era ter um maior número de eleitores. As discussões permaneceram, e movimentos da elite brasileira, como Entusiasmo pela Educação e Otimismo Pedagógico, surgiram como redentores dos problemas da nação, mas o avanço se deu apenas com o

Movimento da Escola Nova, dando uma nova perspectiva à educação, com melhoria das condições didáticas e pedagogias do ensino.

Em 1932, um grupo de educadores, dentre eles Anísio Teixeira, trouxe o Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, com influências de pensadores europeus e americanos, que tinha em seu interior a necessidade de uma educação escolar com qualidade e desenvolvimento no país. A partir desse Movimento surgiu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo e que promovia o combate à escola tradicional e elitista, pregando a gratuidade da educação, laicidade e ensino público e obrigatório (Azevedo, 2006).

Nos anos 30, a educação de jovens e adultos começou a galgar um pequeno espaço na esfera educacional brasileira, com a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Esse ministério tinha um caráter autoritário e centralizador. No Estado Novo, na Era Vargas, perdurou o ideário nacionalista, autoritário e populista. Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação, cujo teor previa o "ensino primário integral, obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas" (Strelhow, 2010, p. 52).

A Constituição de 1937 tirou a responsabilidade do Estado na educação e buscou favorecer o ensino profissionalizante, capacitando os jovens e adultos para o trabalho na indústria. Em 1937, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) foi criado. A partir dele, por meio de estudos e pesquisas, fundou-se, em 1942, o Fundo Nacional do Ensino Primário, objetivando a ampliação do Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1945, o Fundo foi regulamentado, e 25% dos recursos foram empregados na educação de adolescentes e adultos.

A partir da década de 40, a educação de jovens e adultos começou a ter rosto, tornando-se prioritariamente necessária ao país. Em 1942, criou-se o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), objetivando unir a educação de adultos à educação profissional. Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Primário foi sancionada, prevendo o Ensino Supletivo. Em 1947, o Serviço de Educação de Adultos (SEA) surgiu para atender especificamente as pessoas adultas, visto que sua finalidade era a coordenação do ensino supletivo para adolescentes e adultos iletrados. Esse movimento perdurou até o final da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos, que surgiu devido às pressões internacionais dos órgãos da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre a erradicação do analfabetismo nas ditas Nações em Atraso (Strelhow, 2010).

Em 1948, surgiu o documento *Relação com Público e o Voluntariado*, e, em 1960, o *Manual do Professor Voluntário – Ilustrações para o Ensino de Leitura e Linguagem Escritas*. Esses documentos estabeleciam que qualquer pessoa alfabetizada poderia se voluntariar para

alfabetizar jovens e adultos. Em 1952, a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) foi criada com o objetivo de atendimento à população rural. De 1958 a 1961, intensificou-se a Campanha Nacional de Combate ao Analfabetismo (CNCA) (Melo; Silva; Lopiezo, 2020).

A partir dos anos de 1960, houve uma grande mobilização social em torno da educação de jovens e adultos. O pensamento e a proposta para alfabetização de adultos de Paulo Freire inspiraram os principais programas de alfabetização de adultos no Brasil. Para Stefhanou e Bastos (2005, p. 269), os programas identificavam o analfabetismo "não como causa da situação da pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não-igualitária".

Freire sempre lutou contra a educação elitista, tendo como norte uma educação democrática e libertadora, partindo da vivência dos educandos. Em 1961, foram inaugurados vários movimentos sociais: Movimento de Educação de Base (MEB), de cultura popular, vinculado à Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB); Movimento de Cultura Popular do Recife; Centros Populares de Cultura (CPC), vinculados à União Nacional dos Estudantes (UNE); Campanha de Pé no Chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal). Em 1964, as propostas de base sobre alfabetização de adultos estavam disseminadas pelo país, porém foram caladas, reprimidas, sufocadas pelo Golpe Militar.

> Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um "fazedor de cultura" e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detém seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra (Aranha, 1996, p. 2009).

No período da Ditadura Militar, em 1967, surgiu o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), órgão do governo brasileiro autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e instituído pelo Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, durante o governo Costa e Silva. O MOBRAL objetivava a erradicação do analfabetismo, focando no ato de ler e escrever, "sem haver a compreensão contextualizada dos signos" (Strelhow, 2010, p. 54) e sem "nenhuma relação com a formação do homem" (Menezes, 2021), com a finalidade de preparar mão de obra no perfil desejado pelo mercado de trabalho, num viés tecnicista. O movimento propunha uma educação continuada, entendendo o jovem e o adulto não alfabetizados como seres à parte da sociedade, sem produzir para ela; para tanto, trazia a proposta de integrar esses sujeitos à força de trabalho, o que os

promoveria a seres humanos. Para essa promoção, contudo, os sujeitos deveriam ser treinados para tarefas específicas e necessárias aos setores de trabalho. Tal movimento também tentava incentivar o desenvolvimento comunitário, por meio da promoção do civismo, da pátria e do Estado militar, na reprodução das estruturas do regime ditatorial (Silva, 2019). O MOBRAL foi extinto em 1985, marcado por denúncias de desvios de verba, e outros programas de alfabetização vieram substituí-lo. A Fundação Educar, vinculada ao Ministério da Educação, foi um deles e tinha o papel de supervisionar os recursos destinados à execução dos programas das respectivas secretarias. Em 1990, o programa foi extinto, e nenhum outro o substituiu.

O governo federal se desobrigou dos projetos de educação da alfabetização de jovens e adultos, e os municípios passaram a assumir essa função. Várias foram as experiências acadêmicas, tentativas, movimentos sociais e processos de organizações não governamentais para programas de alfabetização de jovens e adultos, entre eles o Movimento de Alfabetização (MOVA), cujo objetivo era alfabetizar a partir do contexto socioeconômico dos jovens e adultos, sendo estes coparticipantes de seu processo de ensino e aprendizagem.

Em 1996, surgiu o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), outra tentativa do governo federal em programas de alfabetização para jovens e adultos. Esse programa parecia copiar as campanhas das décadas de 40 e 50, e muitas críticas surgiram, como relatam Stefhanou e Bastos (2005, p. 272):

> Além de se tratar de um programa aligeirado, reforçando a ideia de que qualquer um sabe ensinar, tinha como um dos pressupostos a relação de submissão entre Norte-Nordeste (subdesenvolvido) e Sul-Sudeste (desenvolvido). Além disso, com a permanente campanha "Adote um Analfabeto", o PAS contribuiu para reforçar a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz, passível de adoção, de ajuda, de uma ação assistencialista.

No ano de 1998, foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), especificamente para atender as pessoas situadas em áreas de assentamento. Esse programa era vinculado ao Incra, às universidades e a movimentos sociais. Em 2003, ocorreu a criação do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com ênfase no trabalho voluntário, concebido para suprir a lacuna do contingente de cidadãos com dificuldades para acompanhar o regime regular das aulas da EJA, com previsão de erradicar o analfabetismo em quatro anos, atendendo 20 milhões de pessoas. Em 2004, houve a reformulação do programa, com a mudança do Ministro da Educação, transformando a erradicação do analfabetismo de quatro anos e a duração dos projetos de alfabetização sendo ampliados em dois meses cada, passando de quatro para oito meses. Esse desenho apresentou deficiências que culminaram na interrupção dos

ciclos a partir de 2016. Para sanar as dificuldades, criou-se o Decreto nº 10.959, de 8 de fevereiro de 2022, trazendo, por parte do governo federal, materiais de orientação e formação, objetivando dar maior efetividade ao programa. Algumas propostas e iniciativas permaneceram com a virada do século, outras saíram de cena e outras foram implantadas para atender os jovens e adultos em todas as fases da vida escolar, desde a alfabetização ao Ensino Médio.

Os programas implementados pelo governo federal no período de 2003 a 2006 foram: Projeto Escola Fábrica, com cursos de formação profissional inicial de 600 horas, oferecidos em empresas, unidades formadoras, nos quais os jovens recebem salário-mínimo e são incluídos socialmente, através da formação profissional – os cursos estão condicionados à matrícula do jovem no ensino público regular, nas etapas finais do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio (variando as idades entre 15 e 18 anos) –; Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – PROJOVEM, com conclusão do Ensino Fundamental, qualificação profissional e reinserção do jovem na escola cursando o Ensino Médio; Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, instituído pelo Decreto nº 5.478, de 2005, reformulado pelo Decreto nº 5.840, de 2006, abrange cursos e programas de educação profissional, sua oferta vem das Escolas Técnicas Federais; Exame Nacional de Certificações de Competências em Educação de Jovens e Adultos – ENCCEJA, é um "instrumento de avaliação para aferição de competências e habilidades de jovens e adultos" (INEP, 2023, n. p.), ou seja, certifica, em nível Fundamental ou Médio, os jovens e adultos sem os respectivos graus de escolaridade.

O Programa Brasil Alfabetizado, desde 2003, é realizado pelo MEC, voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, desenvolvido em todo o território nacional, prioritariamente nos municípios que têm alto índice de analfabetismo, objetivando superar o analfabetismo e apoiar técnica e financeiramente projetos de alfabetização entre jovens, adultos e idosos – foi reformulado em 2022. O Programa de Apoio ao Sistema de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens, Adultos e Idosos – PEJA visa combater o analfabetismo e promover a inclusão educacional, possibilitando que os jovens e adultos adquiram conhecimentos como a leitura, a escrita e o cálculo, além de proporcionar uma formação mais ampla em diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a democratização do acesso à educação e proporcionando oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento às pessoas que não tiveram acesso à escola em sua idade regular (Brasil, 2012).

O Programa ProJovem Urbano (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e o Programa ProJovem Campo (Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Saberes da Terra) são

programas educacionais do governo voltados aos jovens entre 18 e 29 anos que não concluíram o ensino e desejam voltar aos estudos, tendo como objetivo principal oferecer educação básica completa, proporcionando a esses jovens a oportunidade de concluir os estudos e adquirir conhecimentos (Brasil, 2010).

A Modalidade da Educação a Distância – EAD, modalidade de ensino em que os atores – professor e aluno – estão em ambientes distintos e a par das tecnologias de informação e comunicação (TICs), veio para auxiliar também o jovem e o adulto que necessitam agilizar seus estudos, mas não conseguem devido à falta de tempo para frequentar aulas presenciais, por conta das demandas de suas vidas. São necessidades das exigências do mercado de trabalho que os levam a se adaptar às contingências impostas pela sociedade:

> No prazo de três anos o Governo FHC, em uma política de continuidade, criou, em 1992, a Coordenadoria Nacional de educação a distância no MEC, seguida em 1995, da secretaria de educação a distância (Seed). A Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional, Lei n. 9394/96 consagrou atenção à EAD no país, dedicando-lhe o artigo 80 (...). À união ficou reservado, pelo Decreto 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, o credenciamento das instituições para esse fim, cabendo, aos respectivos sistemas de ensino, as normas para a produção, controle e avaliação de programas de EaD e a autorização para sua implementação (Orso *et al.*, 2014, p. 82).

2.1.2 Marcos legais sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é regulamentada por diferentes marcos legais ao longo do tempo. A Lei nº 4024/61, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), promulgada em 1961, foi uma das primeiras leis que abordaram a EJA. Desde então, várias leis e decretos foram promulgados para fortalecer e aprimorar a modalidade. A Lei nº 5692/71 (LDB) introduziu a educação profissional no currículo de ensino do 2° grau (atual Ensino Médio) e criou o ensino supletivo, dedicando um capítulo todo à Educação de Jovens e Adultos. Em 1974, o MEC implantou os Centros de Estudos Supletivos (CES), com influências tecnicistas, devido ao momento político do país.

A Constituição Federal de 1988, artigo 208, inciso I, determina como dever do Estado ofertar educação para jovens e adultos, através de "cursos e exames que considerem as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho" (Brasil, 1988, n. p.). A Lei nº 9.394/96, art. 4°, inciso VI, atualizou a LDBEN e ampliou as diretrizes da EJA, estabelecendo o direito à educação ao longo da vida, garantindo a oferta gratuita e incentivando a adoção de metodologias adequadas às necessidades de jovens e adultos: "(...) oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às

suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência escolar" (Brasil, 2012, n. p.).

O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 reconhece a EJA como modalidade de ensino da educação básica, e as diretrizes curriculares incluem a EJA nas metas do Plano Nacional da Educação, criação do FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Em 2007, houve a inclusão da EJA na política de fundos e financiamento. O Decreto nº 6.093/2007 instituiu o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que incluiu a EJA como uma das prioridades para a melhoria da qualidade da educação no país, e o Decreto nº 6.571/2008 estabeleceu diretrizes para a EJA no âmbito do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), que visa atender jovens que não concluíram o Ensino Fundamental.

O Parecer CNE/CEB nº 11/2010 orienta a implementação e reconhece a flexibilização curricular e a valorização da experiência e conhecimentos dos estudantes como princípios fundamentais. O Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos (PNEJA) apresenta diretrizes e metas para oferta, ampliação e melhoria da qualidade da Educação de Jovens e Adultos no país (Brasil, 2010; 2013).

2.2 Ensino e aprendizagem de jovens e adultos

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, um público bem singular, alunos trabalhadores, em sua maioria, procuram a educação formal para melhorarem suas condições de vida. Estudantes esses que "carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, do afeto, alimentação, moradia, ao trabalho e à sobrevivência" (Arroyo, 2005, p. 24).

Figura 1 – Atividade em grupo



Fonte: Revista Eletrônica da EJA da Unidade Escolar Alberto Francisco Torres (2023).

2.2.1 Processos e metodologias

Para Jacobino e Soares (2013), a busca deve ser por inovações de metodologias que venham dar suporte à educação, não enfatizando somente a quantidade de conteúdo, mas estratégias adequadas à identificação das necessidades e dificuldades dos alunos, dando um suporte qualitativo à educação.

Ao longo dos anos, as abordagens dos processos e metodologias de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos têm evoluído em respostas às mudanças ocorridas (Filatro; Castro, 2017). Ressalta-se, entretanto, que as abordagens pedagógicas podem variar de acordo com o contexto educacional e as necessidades específicas dos alunos, e que a evolução contínua dessas abordagens é uma realidade na educação atual.

A EJA vem num processo de crescimento. A maioria dos alunos que a procura tem seus mais variados motivos, que abrangem desde a necessidade de escolarização para o trabalho formal, melhoria deste para aumento salarial e, consequentemente, a melhora do nível de vida, assim como o sustento de suas famílias com dignidade e o anseio pela aprendizagem formal, pelo conhecimento. Mas é bem tênue essa linha de inserção e evasão, porque qualquer

dificuldade acarreta a desistência dessa clientela tão peculiar (Santos, 2016). Os alunos da EJA têm perfis bem singulares: geralmente são pessoas que voltam aos estudos, oriundas de realidades distintas, que se inserem na modalidade para melhorar no trabalho, tentando otimizar o tempo para concluir seus estudos rapidamente na busca por um diploma. Trazem em suas bagagens, histórias, memórias, culturas, valores morais e éticos, narrativas ricas em relação à visão de mundo. Para Arroyo (2005, p. 35):

> Essas diferenças, podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo é possível. Quando só os mestres têm o que falar não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo.

As metodologias de ensino na Educação de Jovens e Adultos buscam trazer suportes que se associam a conteúdos pertinentes e significativos aos interesses e às realidades dos alunos jovens e adultos: “a metodologia de ensino que envolve os métodos e as técnicas teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática e não pode ser praticada sem ser pensada” (Araújo, 2006, p. 27). O educador, utilizando metodologias que deem significado ao processo de aprendizagem, consegue que seus alunos se motivem e que se mantenham na escola, pois “a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre professor e aluno" (Araújo, 2006, p. 27). O educador tem de ter clareza quanto ao que ensina e para quem ensina, elaborando metodologias que considerem as vivências do aluno.

A utilização das metodologias de ensino passa como um processo que requer planejamento prévio de como o conhecimento deve chegar de forma clara a dar o suporte educativo ao aluno. Essa utilização deve ser bem direcionada, pois impulsiona os alunos à aprendizagem eficaz e guiará os educadores, indicando formas de ensino e recursos de aprendizagem significativos.

As diretrizes metodológicas numa perspectiva das práticas bancárias, ou seja, transmissão de conhecimentos prontos, na qual o professor é o sujeito pensante e o aluno é objeto passivo, à luz das concepções de Paulo Freire, não cabiam mais na perspectiva de uma educação voltada aos interesses dos alunos da EJA. Freire enfatizou o diálogo e a conscientização no processo de alfabetização, com materiais e métodos que fossem culturalmente significativos para os alunos, a fim de criar um ambiente de aprendizado

participativo e empoderador. As propostas metodológicas inspiradas no autor são coerentes com as relações das teorias do conhecimento e a visão ético-política de mundo.

Na aprendizagem da EJA, as concepções freireanas, conhecidas como ‘educação popular’ ou ‘educação libertadora’, envolvem o reconhecimento e a valorização das experiências e saberes dos alunos adultos, promovendo a reflexão crítica sobre sua realidade social, não se assentando em aprendizagens prescritivas, mecânicas e infantilizadoras. São as experiências de vida e os saberes dos jovens e adultos, através do diálogo, da pesquisa e da problematização, que formam arcabouços que dão suporte a um currículo voltado à pesquisa, de maneira que o professor se assume como pesquisador e construtor de sua prática pedagógica, incentivando seus alunos a pensarem, a produzirem conhecimentos: “o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (Freire, 1996, p. 29). O diálogo prioriza o desenvolvimento e o processo de liberdade. Ele exige, para Freire, uma relação democrática em que todos sejam ouvidos: “aqueles que falam de modo democrático precisam silenciar-se para que se permita que a voz daqueles que devem ser ouvidos emerja” (Freire, 2014, p. 90), ou seja, a relação dialógica entre professor e alunos da educação de jovens e adultos fomenta a participação, o debate, o trabalho cooperativo, a solidariedade, a expressão artística, o afeto e a oralidade nos processos de aprendizagens.

Partindo desse viés, Freire nos coloca a problematização, entendida como “a reflexão que alguém exerce sobre um conteúdo, fruto de um ato, ou sobre o próprio ato, para agir melhor, com os demais, na realidade” (Freire, 1987, p. 57); problematizar num caráter puramente reflexivo, desvelar a realidade, buscando a tomada de consciência, numa relação dialógica sobre o que de fato se aprende e a importância desse aprendizado para a mudança de consciência.

> Paulo Freire não inventou à toa o termo “Pedagogia da Libertação”. A união entre educação e liberdade vem de longe, ao menos na pedagogia humanista que tem como foco os educandos e educadores como pessoas, como seres humanos. Os vínculos entre educação, liberdade, autonomia, emancipação, são mais antigos do que os vínculos entre educação e mercado. A “Pedagogia da Libertação” pressupõe o aprendizado da liberdade de ser educador(a). Este pode ser um dos sentidos formadores da transgressão pedagógica. A transgressão se alimenta da sensibilidade humana e pedagógica que é inerente ao ofício do mestre (Arroyo, 2007, p. 146).

Para a EJA, as metodologias ativas de aprendizagem são aliadas dos docentes e discentes, pois todos participam ativamente do processo de aprendizagem: “metodologias ativas são ponto de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas” (Moran, 2015, p. 4). O seu uso

se dá através das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) ou através de atividades presenciais. Elas podem ocorrer com ou sem o uso das tecnologias. Nas metodologias ativas, os discentes, no caso o jovem e o adulto, tornam-se protagonistas de seu processo de ensino e aprendizagem, pensam, conceituam, aprimoram a capacidade de refletir sobre as ações que os permitam desenvolver sua aprendizagem na sala de aula:

> O fato de elas serem ativas está relacionado com a realização de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas nas quais eles sejam protagonistas da sua aprendizagem. Assim, as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem nas quais os aprendizes possam fazer coisas, pensar e conceituar o que fazem e construir conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolver a capacidade crítica, refletir sobre as práticas realizadas, fornecer e receber feedback, aprender a interagir com colegas e professor, além de explorar atitudes e valores pessoais (Valente, 2018, p. 28).

As metodologias ativas, segundo Valente (2018), auxiliam os sujeitos em seu pertencimento ao ambiente escolar, fazem com que se sintam valorizados e os ajudam a desenvolver a capacidade crítica. Na EJA, as metodologias ativas são importantes, pois trazem métodos dinâmicos que tiram o aluno jovem e o aluno adulto do lugar de meros ouvintes para que se tornem protagonistas de seus conhecimentos: “promover a aprendizagem significativa é a parte de um projeto educacional libertador, que visa à formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas” (Santos, 2016, p. 8).

Figura 2 – Atividade prática: confecção da iguaria italiano

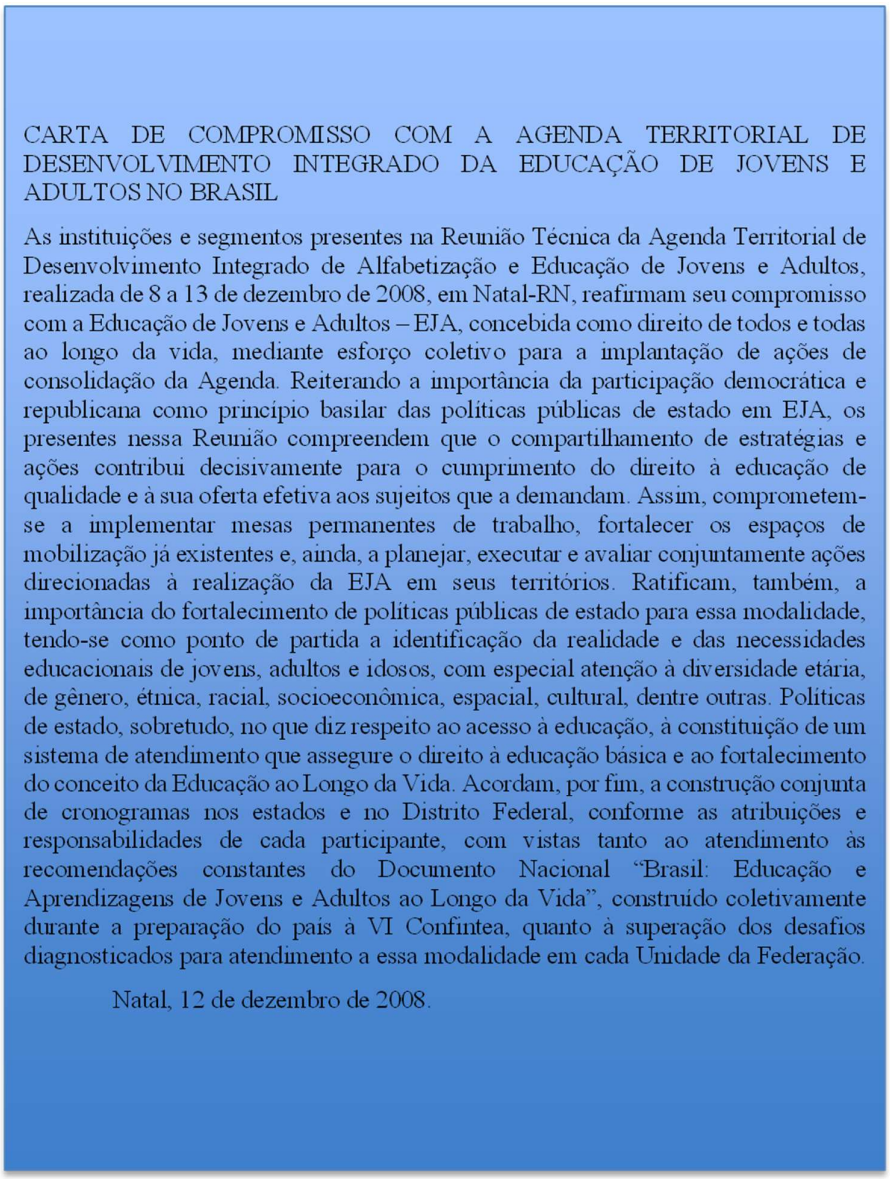


Fonte: Revista Eletrônica da EJA da Unidade Escolar Alberto Francisco Torres (2023).

Em 2008, no estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, em uma reunião englobando as esferas municipais, estaduais e federal, elaborou-se e divulgou-se uma Carta Compromisso para a Educação de Jovens e Adultos (Figura 3). Nela, foi firmado um

compromisso para uma educação de qualidade para todos que não tiveram acesso e oportunidade de estudo na idade própria.

Figura 3 – Fragmentos da Carta de Compromisso



CARTA DE COMPROMISSO COM A AGENDA TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

As instituições e segmentos presentes na Reunião Técnica da Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, realizada de 8 a 13 de dezembro de 2008, em Natal-RN, reafirmam seu compromisso com a Educação de Jovens e Adultos – EJA, concebida como direito de todos e todas ao longo da vida, mediante esforço coletivo para a implantação de ações de consolidação da Agenda. Reiterando a importância da participação democrática e republicana como princípio basilar das políticas públicas de estado em EJA, os presentes nessa Reunião compreendem que o compartilhamento de estratégias e ações contribui decisivamente para o cumprimento do direito à educação de qualidade e à sua oferta efetiva aos sujeitos que a demandam. Assim, comprometem-se a implementar mesas permanentes de trabalho, fortalecer os espaços de mobilização já existentes e, ainda, a planejar, executar e avaliar conjuntamente ações direcionadas à realização da EJA em seus territórios. Ratificam, também, a importância do fortalecimento de políticas públicas de estado para essa modalidade, tendo-se como ponto de partida a identificação da realidade e das necessidades educacionais de jovens, adultos e idosos, com especial atenção à diversidade etária, de gênero, étnica, racial, socioeconômica, espacial, cultural, dentre outras. Políticas de estado, sobretudo, no que diz respeito ao acesso à educação, à constituição de um sistema de atendimento que assegure o direito à educação básica e ao fortalecimento do conceito da Educação ao Longo da Vida. Acordam, por fim, a construção conjunta de cronogramas nos estados e no Distrito Federal, conforme as atribuições e responsabilidades de cada participante, com vistas tanto ao atendimento às recomendações constantes do Documento Nacional "Brasil: Educação e Aprendizagens de Jovens e Adultos ao Longo da Vida", construído coletivamente durante a preparação do país à VI Confintea, quanto à superação dos desafios diagnosticados para atendimento a essa modalidade em cada Unidade da Federação.

Natal, 12 de dezembro de 2008.

Fonte: http://portal.mec.gov.br/agenda-territorial-de-eja.

2.2.2 BNCC e prática pedagógica na EJA: um enfoque integrado

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aplica-se exclusivamente à educação escolar, como definido no §1º do artigo 1º da LDB nº 9394/96 (Brasil, 2018). No entanto, é

preciso reconhecer as estratégias educacionais adaptadas às necessidades e características do público da EJA, mesmo que a BNCC não esteja envolvida em seu contexto.

Existem várias razões pelas quais abordagens metodológicas específicas são para os jovens e adultos na EJA: experiências de vida, que podem ser partilhadas; motivação intrínseca, com motivações diferentes para o retorno à escola; avanço na carreira, por realização pessoal ou atualização das habilidades; flexibilidade, que diz respeito à autonomia. Portanto, embora a BNCC não seja diretamente aplicável à EJA, é interessante que os educadores a reconheçam e adaptem as abordagens metodológicas ao atendimento das necessidades específicas desse público, promovendo assim um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, eficaz e significativo.

A BNCC sugere que o multiletramento – capacidade de identificar, interpretar, criar e comunicar significado por meio de uma variedade de formas de comunicação, como a visual, oral, corporal, musical e alfabética – seja utilizado como uma abordagem para ensinar as variedades das linguagens. Essa proposta, na educação linguística, reconhece as diversas formas de linguagem, bem como a necessidade de ser capaz de comunicar e interpretar mensagens em diferentes meios de comunicação.

Os recursos digitais de aprendizado hoje oferecem uma gama variada de formas de interação com o texto. Isso inclui não apenas ler e escrever, mas também envolve o uso de imagens, vídeos e outras formas de mídia. Portanto, a pedagogia do letramento moderno precisa abraçar essa diversidade de representações multimodais da leitura e escrita, em vez de apenas se concentrar no texto escrito. Devemos incorporar e valorizar todas as formas de expressão e comunicação digital.

Portanto, entender e aplicar o conceito de multiletramento na EJA significa estar em sintonia com os princípios da BNCC, que buscam preparar os alunos para se destacarem na sociedade e no ambiente profissional, além de capacitá-los para participarem ativamente como cidadãos.

Com base na definição de competências apresentada pela BNCC, podemos refletir sobre como o processo de aprendizagem dos alunos jovens e adultos matriculados na EJA difere significativamente do processo de aprendizagem de crianças, especialmente levando em consideração a trajetória de vida dos adultos. Isso nos permite refletir sobre as abordagens pedagógicas dos alunos da EJA, reconhecendo sua complexidade e a singularidade do processo de aprendizagem.

2.3 Formação do professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos

A EJA, no início do século XX, era mais voltada à alfabetização de adultos e operários que não tiveram acesso à educação formal. A sua formação era voltada às técnicas e métodos tradicionais, baseados na repetição e memorização, que não respeitavam as necessidades e a cultura dos alunos. Baseava o aprendizado numa mera transmissão de conteúdos e utilização de materiais didáticos sem significação para o público adulto. A formação de professores não era formalizada e, muitas vezes, acontecia por meio de experiência prática.

Figura 4 – Professoras interagindo com seus alunos



Fonte: Revista Eletrônica da EJA da Unidade Escolar Alberto Francisco Torres (2023).

2.3.1 Histórico

Nas décadas de 60 e 70, começou-se a questionar esses métodos tradicionais de ensino, por meio dos movimentos sociais, e pensou-se em defender uma abordagem mais crítica e participativa na EJA, ou seja, o pensamento crítico surgiu trazendo o diálogo e a conscientização como bases fundamentais para a educação de adultos. E a formação de professores passou a dar ênfase à reflexão crítica sobre a prática pedagógica e o engajamento dos alunos em seu processo de aprendizagem, passando a enfatizar, também, a compreensão das etapas do desenvolvimento cognitivo dos adultos, considerando suas experiências prévias e promovendo a aprendizagem significativa (Pierro, 2011).

Nas décadas de 80 e 90, os alunos da EJA tomaram consciência da construção de conhecimento, tornando-se agentes de sua aprendizagem. A formação de professores começou a incorporar abordagens mais flexíveis, adaptadas às necessidades dos alunos (Kenski, 2014).

No início dos anos 2000, as abordagens educacionais passaram a reconhecer a diversidade dos públicos da EJA. A formação do professor passou a considerar métodos de ensino interculturais e adaptados às diversas populações atendidas. O avanço tecnológico trouxe novas possibilidades para o ensino na EJA, e a formação passou a incorporar o uso das tecnologias educacionais (Freire, 1996).

A formação do professor da EJA continua a evoluir para adaptar-se às demandas da sociedade digital e inclusiva. Além das abordagens pedagógicas tradicionais, a formação do professor agora também inclui estratégias para incorporar tecnologias educacionais e promover a inclusão das pessoas com deficiência. A formação dos professores da EJA busca cada vez mais preparar os educadores para enfrentar desafios contemporâneos e atender às necessidades diversas dos alunos adultos, centrada na prática da pesquisa como instrumento de transformação social, de forma que o ensino e a pesquisa não existem isoladamente, mas se complementam e se reforçam mutuamente (Freire, 1996).

A formação continua a evoluir para atender às demandas de uma sociedade cada vez mais inclusiva e globalizada. Isso envolve estratégias pedagógicas que promovam a igualdade de acesso e a aprendizagem de pessoas com diferentes perfis e necessidades. Além disso, a formação agora também enfatiza o desenvolvimento de competências socioemocionais para o sucesso dos alunos adultos em sua vida profissional e pessoal (Costa; Sabag, 2020).

A história da formação do professor na EJA ao longo do tempo trouxe significativas mudanças nas concepções de educação, na política pública e nas perspectivas pedagógicas. Há o destaque de uma formação que entenda o público com o qual vai trabalhar, suas perspectivas de mundo, peculiaridades e suas bagagens sociais. Partindo dessas bases, o professor deve se voltar à sua formação num viés flexível, atualizado e sensível às mudanças desse grupo tão singular atendido por um sistema educacional, se empenhando em guiar o processo cognitivo dos alunos, auxiliando em orientá-los para que se tornem indivíduos conscientes, participativos e independentes (Gomes, 2019).

Professores engajados no processo educativo devem buscar compreender a situação dos seus alunos, o ambiente em que vivem, as histórias de vida que têm percorrido, as vivências que acumularam e diversos outros fatores relevantes: “pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto ao respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando” (Freire, 1996, p. 32-33).

Essa compreensão serve como base ao elaborar e estruturar as aulas, levando em consideração essas informações para que os educadores fundamentem a abordagem pedagógica deles nas circunstâncias reais dos estudantes, planejando o ensino de acordo com a realidade e vivências dos aprendizes.

> A capacitação organizacional pedagógica e didática por parte do corpo docente vincula-se ao método educacional para explicar, controlar e prever as ações mais importantes dos alunos visando um mundo moderno e globalizado para seu crescimento não apenas como estudante, mas como cidadão (Gadotti; Romão, 2011, p. 17).

Compreendemos que a metodologia de ensino é um conjunto de ações desenvolvidas pelo professor, com o objetivo de atingir as metas educacionais, em vez de ser vista como um roteiro fixo que busca promover uma abordagem docente automatizada, ignorando o contexto em que o aluno se encontra. Ela precisa levar em consideração aspectos inerentes ao estudante, como seu ritmo individual de aprendizado, suas experiências fora do ambiente escolar, sua faixa etária e suas habilidades. Ao escolher a metodologia de ensino, o professor deve estar atento ao ambiente social, cultural, político e econômico, bem como às necessidades educacionais dos alunos, de forma a favorecer a aprendizagem. O processo de ensino requer organização e planejamento (Albuquerque, 2010), de maneira que a metodologia empregada pelo professor possa facilitar o processo de aprendizagem, tornando-o não apenas eficaz, mas também prazeroso. Por isso, a abordagem não deve ser improvisada.

Ensinar adultos requer atenção, e evitar tratá-los de forma infantilizada é um dos aspectos essenciais para o sucesso do trabalho. Os educadores devem ajustar a seleção dos temas, a abordagem e a maneira como interagem com os alunos, já que abordar os adultos de forma infantil pode resultar em afastamento dos estudantes da sala de aula. De acordo com Pinto (2000), considerar os alunos da Educação de Jovens e Adultos como crianças é inadequado, pois não reconhece que os adultos possuem conhecimentos próprios e não leva em conta seu crescimento e experiência. Quando um professor propõe atividades que não são relevantes para o perfil dos alunos, a aula se torna desinteressante, o que dificulta a conexão dos conteúdos com a realidade vivida por eles: “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Educar é substancialmente formar” (Freire, 1996, p. 37).

É preciso reconhecer que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se situa no âmbito das lutas por justiça social, ao buscar uma formação que não deve se limitar apenas à preparação de técnicas para o mercado de trabalho. A EJA tem como objetivo proporcionar uma educação

que promova o desenvolvimento integral dos indivíduos, permitindo-lhes compreender e transformar as relações sociais, participando ativamente na sociedade, compreendendo criticamente os desafios e contribuindo na vida social, política e cultural para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em geral, a modalidade EJA não tem sido uma prioridade nas universidades; ela, muitas das vezes, não recebe a devida atenção, tanto em termos de abordagens teóricas quanto de formação de profissionais e produção científica (Carvalho, 2009).

Arroyo (2006) enfatiza que os futuros profissionais da EJA precisam reconhecer e compreender profundamente as experiências, desafios e necessidades específicas dos jovens e adultos que estão buscando essa modalidade. Isso envolve entender não apenas as diferenças de faixa etária, mas também as diferentes trajetórias de vida, contextos sociais e econômicos que influenciam suas vidas: "não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia" (Arroyo, 2006, p. 22-23). Portanto, reconhecer esses jovens e adultos, o que são na perspectiva da EJA, requer um compromisso constante dos educadores, formação continuada, produção de conhecimentos que dê voz às experiências e demandas desse público tão diverso e multifacetado.

As abordagens na Educação de Jovens e Adultos refletem a interação de duas perspectivas educacionais distintas. Por um lado, encontramos estratégias que priorizam o uso de metodologias de ensino e recursos didáticos que visam aprimorar a alfabetização e habilidades de leitura e escrita. Por outro lado, há enfoques que colocam ênfase no contexto social e na abordagem educativa como um meio de promover o desenvolvimento consciente emancipatório dos jovens e adultos. Cada abordagem destaca diferentes aspectos da EJA: a primeira visa proporcionar ferramentas de aprendizado fundamentais, concentrando-se em métodos de instrução e materiais didáticos que facilitem a compreensão da leitura e escrita, para aqueles que estão retomando a educação formal depois de um intervalo; a segunda abordagem valoriza mais o aspecto sociocultural do processo educativo, enfatiza incorporar questões sociais relevantes no currículo e adotar métodos de ensino baseados em diálogos e reflexões. Essa abordagem busca não apenas transmitir conhecimentos, mas também capacitar os alunos a desenvolverem uma consciência crítica e a se tornarem agentes de transformação em suas comunidades.

Essas duas perspectivas não são necessariamente excludentes, e muitas práticas da EJA incorporam elementos de ambas. A combinação das abordagens pedagógicas centradas nas habilidades fundamentais de aprendizado e na conscientização social pode criar um ambiente

educativo mais abrangente e eficaz para jovens e adultos que buscam ampliar suas perspectivas educacionais e sociais:

> A formação do educador da EJA, portanto, dá ênfase a duas dimensões indissociáveis. De um lado, valoriza-se a experiência desenvolvendo e superando a relação com o aprendizado trabalhado na EJA. De outro lado, valorizam-se os conhecimentos já construídos na EJA, seja pelas pesquisas acadêmicas, seja pelo aprofundamento das práticas desenvolvidas nos diferentes programas de EJA no Brasil. A articulação entre prática e teoria é essencial na formação do Brasil. A articulação entre prática e teoria é essencial para a formação do educador (Albuquerque, 2010, p. 101).

2.3.2 Formando educadores para uma sociedade em evolução

A prática pedagógica não se limita mais à atuação individual do professor em sala de aula, "mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento de situações de ensino" (Kenski, 2012, p. 106). Quando alunos e professores se unem com propósito comum, surgem oportunidades de descoberta e crescimento. Essa abordagem destaca que o domínio técnico é apenas uma parte mínima da habilidade docente necessária para uma mediação bem-sucedida entre educação e tecnologia.

As formações continuadas em tecnologia educacional sendo oferecidas, dialogando sobre as últimas tendências e práticas no uso das TICs em sala de aula, capacitam os professores a encontrar e avaliar recursos *on-line* relevantes para enriquecer o conteúdo nas salas de aula. As plataformas de aprendizagem *on-line* trazem uma variedade de recursos que auxiliam nas atividades cotidianas colaborativas para envolver os alunos jovens e adultos em uma aprendizagem mais ativa e significativa, com a produção de conteúdo multimídia incentivando o professor a criar o seu próprio, como apresentações de slides, vídeos explicativos – objetivando tornar o aprendizado mais visual e dinâmico –, ferramentas de colaboração – que auxiliam o professor a explorar ferramentas como o *Google*, por exemplo, para estimular a comunicação e o trabalho em equipe entre os alunos –, e gamificação – jogos educativos tornando o aprendizado mais divertido e motivador.

Outras realidades além do ambiente escolar surgem para enriquecer as experiências de aprendizagens, como parcerias com bibliotecas externas, museus, centros culturais, palestras e projetos colaborativos entre parceiros de diferentes áreas, cientistas, empresários, líderes comunitários, compartilhando experiências e conhecimentos com os alunos, redes de aprendizagens, participação com outros profissionais e colaboração com outras escolas e educadores para compartilhamento de melhores práticas, recursos e experiências, incentivo aos alunos a participarem de eventos culturais, artísticos, esportivos, proporcionando oportunidades

para ampliar seus horizontes e desenvolver uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor.

É necessário implementar uma política educacional abrangente que priorize a formação, a valorização e o desenvolvimento profissional dos professores, com programas de formação inicial com metodologias de ensino, uso da tecnologia, gestão em sala de aula, desenvolvimento de habilidades socioemocionais, cursos de aperfeiçoamento e atualização em serviço, incentivos profissionais, colaboração e trocas educacionais.

> Nos espaços presenciais de aprendizagem - escolas e campi - prevalece o ensino ativo do professor sem a necessária correspondência com o desejo calado e passivo de aprendizagem dos alunos. Ensino orientado, estruturado e, muitas vezes, distante dos pensamentos, experiências e anseios dos aprendentes (Kenski, 2003, p. 101-102).

Ao integrar essas estratégias de forma consciente e eficaz, os professores podem maximizar o potencial das tecnologias para melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos, ao mesmo tempo que preservam práticas pedagógicas tradicionais em sala de aula.

2.4 Tecnologias digitais para um aprendizado mais crítico e eficaz aos alunos da EJA

As tecnologias de informação e de comunicação hoje, na EJA, trazem reflexões acerca da educação formal dos alunos jovens e adultos. Os recursos tecnológicos estão em muitos ambientes, fazendo parte do cotidiano, como no lazer, na comunicação e no trabalho (Coscarelli, 2020). Ocupam diversos espaços e cada vez mais se integram às aprendizagens formais, auxiliando no ensino e aprendizagem, e têm exercido um papel bem significativo como material de apoio técnico em experiências educacionais inovadoras para a modalidade EJA: “a interação do indivíduo com as tecnologias tem transformado profundamente o mundo e o próprio indivíduo” (Sancho, 1998, p. 30).

O processo para se chegar às TICs no desenvolvimento do conhecimento não foi de um dia para outro, porém elas “trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação” (Kensky, 2015, p. 46). O próprio avanço de metodologias na educação permitiu esse crescimento. Antes, numa perspectiva mais tradicional, com filosofias e metodologias que eram detidas somente pelo professor, alguns artefatos eram utilizados, como a lousa, o projetor e os livros didáticos, e eram bastante válidos para a construção daquele perfil de ensino, no qual o professor era o transmissor do conhecimento. Porém, com as mudanças de paradigmas, o conhecimento passou a ser construído com significação calcada em realidades, narrativas, culturas e no protagonismo dos próprios alunos jovens e adultos com condições de formar suas

identidades como sujeitos pensantes, capazes de ouvir, falar e agir com pensamentos críticos, intervindo para modificar um histórico de exclusão social.

A tecnologia começou a tomar forma e corpo, proporcionando, nos ambientes educacionais, a possibilidade de trocas de saberes, por meio das quais os alunos, com as mesmas oportunidades de aprendizagem, constroem seus conhecimentos, permitindo que aluno e professor pudessem refletir e pesquisar sobre a validade das metodologias de ensino, por meio do uso das tecnologias digitais. O seu uso na educação de jovens e adultos elenca possibilidades de ascensão à construção da cidadania, pois a partir do momento em que o aluno da EJA constrói seu conhecimento, ele tem oportunidades de galgar possibilidades de melhores empregos formais, competindo em igualdade com os que já têm formações e estão há mais tempo no mercado de trabalho.

Na perspectiva pedagógica, o uso das TICs chegou ao sistema de ensino num momento de transição, em que os conteúdos eram integrados e sem significado: "não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação" (Kensky, 2015, p. 47). A TIC como ferramenta de auxílio ao currículo trouxe possibilidades de integração e intenções que privilegiaram a interrelação entre professor e aluno satisfatoriamente, aumentando as possibilidades de aprendizagem e "organização de um currículo em torno dos problemas e de questões significativas, identificadas em conjunto por educadores e jovens, independentemente das linhas de demarcação das disciplinas" (Aires, 2011, p. 223-224), de forma que o professor interage com as novas tecnologias educacionais dando sentido a elas e revendo suas práticas pedagógicas no ambiente escolar.

Os estudantes nativos digitais, que cresceram cercados pelos aparatos tecnológicos, são acostumados com informações rápidas e com o manuseio das tecnologias digitais, dominam a linguagem digital e têm uma visão bem espacial do mundo ao seu redor, com experiências vastas no campo do aprendizado colaborativo (Prensky, 2010), por meio das comunidades virtuais. Já o estudante da EJA, mesmo com os avanços tecnológicos em sua prática educativa, ainda tem muitas dificuldades na inclusão digital e necessita do apoio e coautoria do docente para auxiliá-lo a produzir conhecimentos para si próprio. Porém, mesmo com essa diferença de paradigmas, as ferramentas tecnológicas na prática educativa vêm auxiliar o jovem e o adulto, alunos da EJA, a utilizá-las em prol de aprendizagens significativas e sendo úteis ao seu cotidiano de aprendizagem formal, social e de trabalho, competindo com os nativos digitais nas esferas sociais:

> Assim o computador pode passar a contribuir não só para a inclusão digital e social dessas pessoas, mas também para uma aula de EJA, um recurso adicional de leitura e escrita, uma motivação para o conhecimento e a oportunidade de explorar outros aspectos do processo de aprendizagem na educação de jovens e adultos, num misto de conquista e alegria, para aumentar a autoestima desses indivíduos (Nunciato, 2009, p. 9).

Quanto à inclusão digital de forma democrática nas salas de aula da modalidade EJA, há de se ter uma preocupação com ações que ofertem autonomia, mas principalmente subsídios que, de fato, façam diferença e permitam que o aluno jovem, o adulto e, principalmente, o idoso consigam aprender a manusear o computador, a navegação na internet e, acima de tudo, a alfabetização digital, ou seja, habilidades para utilizar as tecnologias digitais de forma que tragam sentido à validação da aprendizagem, como métodos de alfabetização nos quais os docentes poderão trazer atividades que irão atender às necessidades dessa clientela, isto é, uma proposta pedagógica calcada em aprendizagens reais e bem elaboradas, aliadas às novas tecnologias digitais, buscando promover a aprendizagem numa coautoria docente/discente (Vasconcelos *et al.*, 2018).

A escola "não pode ficar alheia ao universo informativo, se quiser, de fato, integrar o estudante ao mundo que o circunda, permitindo que ele seja um indivíduo autônomo, [...] apto a enfrentar as rápidas mudanças que a tecnologia vem impondo contemporaneamente" (Salgado, 1999, p. 229). Ela tem um papel na qualificação do aluno da EJA em se incluir no universo das tecnologias digitais. Sua meta é proporcionar tanto recursos humanos quanto físicos às realidades tecnológicas digitais, com computadores atualizados, internet, mídias e outras ferramentas digitais, além de atualizar sempre, criar estruturas de atendimento nos caminhos digitais e proporcionar a interação com o mundo atual, fora de seus muros.

O professor, um aliado no caminho do ensino-aprendizagem dos alunos da EJA, é um estimulador. É por meio dessa relação docente/discente que o acesso às tecnologias ocorre, auxiliando na construção da cidadania, autonomia, criticidade e autoestima dos alunos.

Figura 5 – Alunos da EJA construindo atividades em grupo



Fonte: Revista Eletrônica da EJA da Unidade Escolar Alberto Francisco Torres (2023).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A alfabetização de jovens e adultos com a coautoria do docente e discente é um fator preponderante para o sucesso de aprendizagens de fato verdadeiras, pois o docente percebe o que os alunos querem e do que necessitam; e o discente, por sua vez, tem contato com novas maneiras de aprender, de criar e de se expressar.

A tecnologia contribui para manter a atenção dos alunos e despertar o interesse. Além disso, a inclusão digital na EJA propicia a aproximação dos jovens e adultos com as tecnologias atuais, gerando novas oportunidades para esses alunos em sua inclusão social e, principalmente, favorecendo o ingresso deles ao mercado de trabalho (Morais, 2021).

Portanto, esta dissertação trata da inclusão com o uso das tecnologias, considerando os jogos educativos para a educação inclusiva e cidadã de jovens e adultos, mediadas pelo docente no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos (EJA).

Este capítulo foi segmentado em cinco partes, a saber: alicerces da preliminar de pesquisa; alicerces do campo; análise de dados; riscos e benefícios; e contornos inerentes ao produto da dissertação.

3.1 Alicerces da preliminar de pesquisa

As etapas preliminares de uma pesquisa remetem às atividades que o pesquisador precisa realizar "[...] para averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas" (Brasil, 2016, p.2). Deste modo, tencionou-se, por meio de conversas informais com profissionais atuantes na Educação de Jovens e Adultos, averiguar as condições para a realização da pesquisa. O registro das conversas informais precisou ocorrer para a organização das reflexões e extração de aprendizados que foram absorvidas pela pesquisadora e materializados em uma pesquisa que, posteriormente, aprofundou-se sobre o assunto.

A respeito da preliminar de pesquisa, destacam-se que: "todas as etapas preliminares necessárias para que o pesquisador elabore seu projeto não são alvo de avaliação do sistema CEP/CONEP" (Brasil, 2016, p. 16). Todavia, esta preliminar vincula-se a um projeto maior – uma dissertação de mestrado, que pretendeu realizar uma pesquisa posterior sobre o assunto. Assim, respeitando as diretrizes éticas da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho

Nacional de Saúde (Brasil, 2016), e da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), a dissertação foi submetida à avaliação de Comitê de Ética via Plataforma Brasil.

A preliminar de pesquisa é uma etapa importante e necessária ao pesquisador para que este valide sua pesquisa, ou seja, embora possa parecer um passo simples, ela garante que o estudo seja realizado de maneira eficiente, ética e com resultados significativos. É um estágio no processo para a realização da análise exploratória, coleta de dados preliminares e formulação de perguntas da pesquisa. A preliminar de pesquisa: (1) ajuda a clarear a investigação do pesquisador; (2) viabiliza ao pesquisador condições para identificar o tema específico de interesse, delimitando o problema de pesquisa e organizando perguntas que irão concentrar o estudo; (3) promove familiaridade com o tema e a literatura existente ao pesquisador; e (4) ajuda o pesquisador a identificar eventuais problemas ou limitações na metodologia proposta, permitindo assim, ajustes antes do início do estudo (Brasil, 2016; Valim; Maciel, 2019).

3.2 Alicerces do campo

O método de entrevista semiestruturada foi escolhido como instrumento de coleta de dados para a dissertação. De acordo com Gil (2018), a coleta de dados é um processo para captar informações geradas de forma qualitativa ou quantitativa pelas pessoas, e que servirão de insumos para planejar estratégias para que o pesquisador consiga analisar e interpretar os resultados e chegar às conclusões do estudo. Este deve ser realizado de forma ética, respeitando os direitos dos participantes através do consentimento, da informação, da garantia da privacidade e confidencialidade das informações coletadas, e da adoção de medidas para proteger a segurança dos dados.

As pessoas envolvidas na coleta de dados atuam em duas Unidades Escolares (UEs) públicas do município de Niterói, que atendem a EJA no horário noturno. As entrevistas foram realizadas com as professoras das turmas de alfabetização da EJA e a equipe de articulação pedagógica. O passo a passo para que a técnica de coleta de dados ocorresse através das entrevistas semiestruturadas foi: (1) definição dos objetivos da entrevista, com perguntas formuladas; (2) roteiro das entrevistas, com perguntas abertas, permitindo aos entrevistados expressarem suas ideias livremente, mas orientados pelo objetivo das entrevistas; (3) seleção dos entrevistados de acordo com os critérios definidos previamente; (4) realização das entrevistas; (5) transcrição das entrevistas para análise das informações obtidas; (6) análise das informações coletadas e identificação de padrões; e (7) interpretação dos resultados, ao

interpela-los, relacionando-os ao objetivo da pesquisa (Gil, 2018). As entrevistas ocorreram via plataforma digital, e foram gravadas e transcritas para posterior análise das informações.

A escolha da técnica da entrevista semiestruturada permitiu que as experiências vividas pelos docentes, discentes e a equipe pedagógica das UEs auxiliassem os caminhos que esta pesquisa seguiu. E foi observado se as tecnologias digitais mediadas pelo docente no ambiente educacional puderam, de fato, enriquecer com contribuições a alfabetização na EJA, tornando possível o aprendizado eficaz e crítico, gerando novos espaços de socialização para que os alunos jovens e adultos alcancem seus objetivos.

O critério de conveniência foi utilizado para selecionar os entrevistados, que foram contatados em visita presencial feita nas instituições selecionadas. Este critério definiu-se como um método de amostragem que não utiliza probabilidade e se pauta na seleção de pessoas com base em sua disponibilidade, acesso e conveniência para participar de uma pesquisa (Gil, 2018).

As perguntas propostas foram: Por que escolheu trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos? Quais os benefícios da inclusão digital na alfabetização de jovens e adultos, em termos de empoderamento e participação social? Quais são os maiores desafios enquanto professor na EJA? Acrescentar-se-iam a essas perguntas outras que pudessem surgir durante a entrevista.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado aos docentes entrevistados presencialmente nas unidades escolares pesquisadas, que registraram a concordância com o Termo.

3.3 Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, utilizou-se a técnica conhecida como análise de conteúdo de Bardin (2016), que viabilizou uma análise profunda, sistemática e organizada, além da interpretação de dados qualitativos e a descoberta de significados presentes nos materiais coletados. Por meio desta análise de conteúdo foi possível transformar o material bruto (texto, imagens, áudios) em dados mais organizados e facilmente interpretáveis.

De acordo com Bardin (2016), a técnica consiste em um conjunto de processos organizados para tornar concreta a interpretação do conteúdo, permitindo a identificação de temas, categorias, subcategorias e unidades de análise que emergem dos dados. A autora destaca as fases para que a análise seja realizada: (1) pré-análise, (2) exploração do material para a codificação e categorização das unidades de análise; e (3) tratamento dos resultados obtidos.

Na pré-análise, o pesquisador lê o material coletado, identifica as ideias centrais e conceitos presentes no conteúdo, seleciona os trechos que possam ser analisados separadamente

e define as categorias das unidades de análise, que serão utilizadas para classificá-las e agrupá-las. Também se definem as hipóteses e os objetivos, assim como os critérios de análise.

Na exploração do material para a codificação e categorização das unidades de análise, realiza-se o agrupamento das informações em categorias e subcategorias. Já no momento do tratamento dos resultados obtidos, ocorrem a interpretação dos resultados, a identificação de padrões, tendências e relações entre as categorias e subcategorias. Ao final, os resultados são apresentados e discutidos, relacionando-os à hipótese e ao objetivo da pesquisa.

3.4 Riscos e benefícios

Os seguintes riscos e benefícios inerentes ao desenvolvimento deste projeto foram identificados no início dos trabalhos e então tratados, de forma que não impactaram no andamento do projeto. No quadro abaixo, os riscos e as ações tomadas para mitigá-los.

Quadro 1 – Riscos e as ações tomadas para mitigá-los

Riscos	Ação para mitigar
Risco 1 – Vazamento de informações: um dos riscos identificados é o de vazamento de informações pessoais e profissionais dos participantes oferecidas no momento da entrevista.	Para mitigar tal risco, todas as gravações e transcrições de entrevistas foram armazenadas localmente, e não em ambiente de nuvem; os arquivos foram protegidos por senha, e o computador que armazenou esses arquivos contou com programa antivírus, em versão paga e atualizada.
Risco 2 – Constrangimento e mal-estar: informações compartilhadas pelos participantes poderiam causar constrangimento e mal-estar, caso expostas.	Para que esse risco seja mitigado, a identidade de todos os participantes foi mantida no mais absoluto sigilo e a privacidade dos participantes foi totalmente respeitada.
Risco 3 – Expectativas: o participante pode achar que todos os problemas por ele compartilhados com o(a) pesquisador(a) serão sanados.	Faz-se importante sublinhar que o(a) pesquisador(a) não tem poderes para alterar a realidade do campo, apenas pretende compreender tal realidade para escrever sobre ela, visando promover reflexões para inspirar profissionais a atuarem com mais consciência.

Fonte: Autoral (2024).

Entre os benefícios, destacaram-se: (1) a possibilidade de viabilizar reflexões aos envolvidos no campo e (2) a possibilidade de consolidar material acadêmico sério e bem fundamentado sobre o assunto para compartilhar com pares, a fim de inspirar colegas.

Para que esta pesquisa ocorresse de forma harmoniosa, buscou-se atender às normas éticas propostas pelas Resoluções 510, de 2016, e 466, de 2012, ambas do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016).

3.5 Contornos inerentes ao produto da dissertação

O Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação é um mestrado profissional e, para tanto, demanda que seja desenvolvido um produto - neste caso, especificamente um produto digital – vinculado a problemas enfrentados na área de atuação da mestranda, ou seja, educação de jovens e adultos.

A dissertação propôs jogos educativos digitais como produto final, modelado a partir dos achados que emergiram do processo de pesquisa e que serviram como recurso facilitador da prática pedagógica. A partir de contornos específicos deste produto, os jogos educativos digitais foram definidos graças à contraposição de informações obtidas nas entrevistas e nas obras utilizadas como base na fundamentação teórica deste estudo.

Após a sua finalização, os jogos educativos digitais passaram por uma avaliação, a partir da preliminar de pesquisa, de satisfação, por meio da qual foi observado se o conteúdo contribuiu efetivamente para a prática pedagógica dos envolvidos. Esta avaliação foi feita por meio de uma pesquisa de satisfação realizada através do *WhatsApp*.

4 PRELIMINAR DE PESQUISA

A preliminar de pesquisa é uma etapa válida e necessária ao pesquisador, para que este valide sua pesquisa, ou seja, embora possa parecer um passo simples, ela garante que o estudo seja realizado de maneira eficiente, ética e com resultados significativos. É um estágio para a realização de uma análise exploratória, coleta de dados preliminares e formulação de perguntas de pesquisa. A preliminar de pesquisa: (1) ajuda a clarear sobre a investigação do pesquisador; (2) fornece ao pesquisador condições para identificar o tema específico de interesse e delimitar o problema de pesquisa, organizando perguntas que irão concentrar o estudo; (3) confere familiaridade ao pesquisador com o tema e a literatura existente; (4) ajuda o pesquisador a identificar eventuais problemas ou limitações na metodologia proposta, permitindo, assim, ajustes antes do início do estudo (Lakatos; Marconi, 2013).

A preliminar de pesquisa deste estudo objetivou aproximar a pesquisadora a um envolvimento no que é de interesse à sua pesquisa, por meio de conversas informais com profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), para compreender o processo de estudo dos discentes e quais os caminhos metodológicos que são trilhados no aprendizado desses alunos, passando pelo processo de alfabetização, procedimentos metodológicos, utilização de tecnologias digitais, conectividade, evasão e projetos ao longo do ano.

Este capítulo foi segmentado em duas partes, a saber: 4.1 *Preliminar de pesquisa – apresentação dos dados* coletados por meio de três conversas informais com professoras da EJA (conversa 1, conversa 2 e conversa 3), compostas por três perguntas para cada conversa e suas respectivas respostas; 4.2 *Achados e discussões*, trazendo os achados emergidos para serem confrontados. Por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016), foram feitas as reflexões e inferências sobre o material que foi produzido a partir das conversas com as professoras da EJA.

4.1 Preliminar de pesquisa – apresentação dos dados

As preliminares de pesquisa aqui apresentadas foram realizadas junto a três professoras concursadas pelas esferas nomeadas: duas professoras da Rede Municipal de Niterói e uma professora da Rede Municipal de São Gonçalo. As preliminares ocorreram em três momentos, todas pelo aplicativo *WhatsApp*. Foram três perguntas feitas e respondidas virtualmente nos dias 31/05, 04/06 e 05/06 do ano de 2023, às 17h06, 22h06 e 10h02, respectivamente. Não houve modelagem prévia do que seria conversado. Na verdade, a pesquisadora já tinha relações

com as três professoras, havendo, portanto, uma conversa informal, por meio de perguntas e respostas, sobre suas experiências como regentes na EJA. Para maior organização da pesquisadora, as mesmas perguntas foram feitas às três professoras. As conversas foram pautadas pela informalidade, sendo que todas as reflexões foram registradas em conversas no *WhatsApp* e depois anotadas pela pesquisadora para fins de organização.

Quadro 2 – Apresentação dos dados da preliminar de pesquisa

Perguntas		**Respostas**		
		Conversa 1	Conversa 2	Conversa 3
1	Por que escolheu trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA)?	Trabalhar na EJA foi uma escolha e, também, devido ao horário noturno. Mas, desde então, venho me debruçando sobre a importância de trabalhar os processos do conhecimento já adquiridos por esses sujeitos tão peculiares, com suas histórias de vida e conhecimentos de mundo, além de considerar trazer esses conhecimentos formais, sendo uma facilitadora no processo tão importante da leitura e escrita, indo além até, para que os alunos da EJA tenham condições de se inserir no mercado de trabalho, competindo com outros de forma justa e com as mesmas oportunidades.	A princípio, foi para adequar a minha disponibilidade de horário, uma vez que trabalhava em horário integral no município de Niterói, e a EJA, por ser no turno da noite, atendia às minhas necessidades.	Trabalhar na Educação de Jovens e Adultos, inicialmente, não foi uma escolha. Partiu de uma necessidade de sobrevivência. Precisava trabalhar em mais um turno para sustentar uma casa, uma filha e tocar a vida após uma separação. Porém, após iniciar a experiência na EJA, passei a ter um olhar para a modalidade para além da minha necessidade. A EJA passou a fazer parte da minha vida e mudou meu interesse na Educação Pública. Desde então, atuei em turmas de EJA, coordenação da EJA, na SME-Niterói, e passei a aprofundar os estudos sobre a modalidade, desenvolvendo trabalhos com estudantes a partir de seus interesses, numa perspectiva que valorizasse as histórias de vida e as culturas trazidas por eles. Desde então, a EJA passou a ser uma bandeira, mesmo não estando atuando na modalidade atualmente.
2	Quais os benefícios da inclusão digital na alfabetização de jovens e adultos, em termos de empoderamento e participação social?	Ao longo das experiências e vivências na EJA, em um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, algumas observações e considerações foram acumuladas e principalmente sentidas, são dificuldades que dizem respeito à compreensão, leitura e escrita na EJA da	A inclusão digital permite que os jovens e adultos tenham acesso a uma ampla variedade de informações por meio da internet, isso possibilita a pesquisa, o aprendizado contínuo e o acesso a conhecimentos que antes estavam fora de seu alcance. Com mais informações, eles podem tomar decisões mais	A inclusão digital na EJA é mais um desafio, tanto para estudantes como para professores que atuam na modalidade. O mundo é digital, e a necessidade do uso da tecnologia é para além da escola. É de extrema importância trazer a "alfabetização digital" para a sala de aula. A apropriação digital, além

		unidade escolar em que atuo. Pensamos em um projeto que teve por intenção auxiliar a alfabetização e letramento dos alunos da EJA, numa perspectiva crítica de construção de conhecimentos coletivos a partir das demandas apresentadas pelos sujeitos (alunos) envolvidos. E as tecnologias digitais vieram a ser utilizadas como ferramentas para ajudar a trilhar o caminho da leitura e escrita, mesmo percebendo algumas vezes ansiedade e talvez até medo dos alunos mais idosos, reticentes às tecnologias. Porém, as dificuldades são inúmeras. Ainda temos muitos problemas com conexões impotentes e aparelhos que atendam às demandas dos alunos, mas conseguimos alguns avanços e, acima de tudo, interesse dos alunos. De qualquer forma, com toda certeza, a utilização das tecnologias digitais auxilia, e muito, como boas ferramentas no processo de determinadas práticas pedagógicas. Portanto, chego à conclusão que é de muita importância a inclusão digital para os alunos da EJA, no aprendizado formal e nas oportunidades que surgem fora dos muros da escola.	informadas e se manter atualizados sobre assuntos relevantes. Outro aspecto que considero relevante são as oportunidades de emprego, pois, ao desenvolverem habilidades com o uso de computadores e internet, potencializam-se cada vez mais oportunidades no mercado de trabalho atual. A inclusão digital na alfabetização capacita jovens e adultos a buscarem empregos que exigem habilidades digitais, abrindo portas para novas experiências profissionais. Além disso, eles podem aprender a criar currículos on-line e se comunicar com potenciais empregadores por meio de plataformas digitais.	de inserir os estudantes no mundo contemporâneo, colabora com as experiências de leitura e escrita, partindo de uma necessidade do cotidiano. Porém, não podemos desconsiderar que o acesso ainda não é para todos e, também, que há limitações relacionadas ao uso da tecnologia pelos estudantes mais idosos. Ampliar o uso de ferramentas digitais na EJA como parte do currículo é possibilitar a compreensão do uso e empoderar os estudantes para os desafios do mundo moderno.
3	Quais são os maiores desafios enquanto professor na EJA?	A prática alfabetizadora na EJA é (e precisa ser) uma construção diária, inovadora e transformadora para todos os sujeitos envolvidos. Não há cartilha. Há caminhos, muitos caminhos, que necessariamente precisam passar pelos alunos, considerando sempre suas histórias, pois são sujeitos históricos inseridos na vida cotidiana e com funções já demarcadas e definidas.	Enquanto professora trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), existem diversos desafios a serem enfrentados. Alguns dos maiores desafios incluem a motivação e o engajamento dos alunos. Muitos alunos da EJA enfrentam dificuldades de motivação devido às experiências anteriores negativas na educação formal, além de suas responsabilidades	Considero que o maior desafio seja despertar o interesse dos estudantes de permanecerem na escola. A permanência está relacionada com o interesse, com o currículo e seus sentidos. É necessário conhecer o que afeta esse público, para que não desistam! Os desafios são enormes, e permanecer ou desistir está intimamente ligado com a forma de receber, incentivar e

		Portanto, para mim, o maior desafio, que envolve outros tantos desafios, está no fato de que os educadores e suas práticas pedagógicas devem considerar as histórias, dar sentido e contextualizar aquilo que aqueles alunos querem aprender. Uma espécie de prática que incentive os alunos a aprenderem com desejo. A intenção é exatamente essa, produzir encontros com a EJA com base no conceito de alfabetizar letrando. A tentativa é ousar nos sentidos, educar e alfaletrar com sentidos e desejos.	pessoais e profissionais. É essencial criar um ambiente de aprendizado estimulante e relevante, mostrando a importância da educação para o crescimento pessoal e profissional. Em turmas da EJA encontrarmos uma grande diversidade de habilidades, conhecimentos prévios e experiências de vida. Isso exige que nós, professores, adotemos abordagens diferenciadas de ensino, adaptando o conteúdo para atender às necessidades individuais dos alunos, a fim de promover a aprendizagem efetiva para todos. Os professores precisam utilizar métodos e recursos pedagógicos adequados para desenvolver essas habilidades fundamentais, adaptando o ensino à realidade de cada aluno, pois alguns estudantes da EJA podem ter enfrentado fracassos anteriores na educação, o que pode resultar em baixa autoestima e falta de confiança em suas habilidades acadêmicas. Os professores precisam criar um ambiente seguro e acolhedor, fornecer apoio emocional e incentivar os alunos a acreditarem em si mesmos e em seu potencial de aprendizado.	compreender as necessidades de "uma gente" tão castigada pela vida. Compreender o percurso e oferecer o que realmente seja do interesse dos estudantes é um desafio permanente. Quem trabalha em EJA, antes de ensinar, precisa aprender.

Fonte: Autoral (2024).

4.2 Achados e discussões

A preliminar de pesquisa permitiu o confronto com a realidade do campo e foi basilar para a modelagem e adequação do projeto. A preliminar trouxe muitas certezas em relação ao tema, pois norteou o processo desta pesquisa à luz das experiências, por meio de conversas informais com três professoras da EJA, compartilhando com a pesquisadora seus anseios, trocas, relações e as práticas que adotam junto aos alunos jovens e adultos da EJA.

Os achados foram muitos, e ocorreram trocas. Experiências por vezes parecidas, outras nem tanto. A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), organizaram-se a seguir

as verbalizações oriundas das três conversas que ocorreram por ocasião da preliminar de pesquisa.

Quadro 3 – Achados mais relevantes

Conversas	Verbalizações (registros)
Conversa 1	"(...) uma escolha e, também, devido ao horário noturno". "(...) considerar trazer esses conhecimentos formais, sendo uma facilitadora no processo tão importante da leitura e escrita, indo além até, para que os alunos da EJA tenham condições de se inserir no mercado de trabalho, competindo com outros de forma justa e com as mesmas oportunidades". "(...) as tecnologias digitais vieram a ser utilizadas como ferramentas para ajudar a trilhar o caminho da leitura e escrita". "Mesmo percebendo algumas vezes ansiedade e talvez até medo dos alunos mais idosos, reticentes às tecnologias. As dificuldades são inúmeras. Ainda temos muitos problemas com conexões impotentes e aparelhos que atendam às demandas dos alunos". "(...) a utilização das tecnologias digitais auxilia, e muito, como boas ferramentas no processo de determinadas práticas pedagógicas". "(...) é de muita importância a inclusão digital para os alunos da EJA, no aprendizado formal e nas oportunidades que surgem fora dos muros da escola". "Não há cartilha". "(...) os educadores e suas práticas pedagógicas devem (e precisam) considerar as histórias, dar sentido e contextualizar aquilo que aqueles alunos querem aprender".
Conversa 2	"(...) adequar a minha disponibilidade de horário". "(...) acesso a uma ampla variedade de informações por meio da internet (...)". "(...) potencializam-se cada vez mais oportunidades no mercado de trabalho atual". "(...) motivação e engajamento dos alunos". "(...) adotemos abordagens diferenciadas de ensino, adaptando o conteúdo para atender às necessidades individuais dos alunos, a fim de promover a aprendizagem efetiva para todos". "(...) utilizar métodos e recursos pedagógicos adequados para desenvolver essas habilidades fundamentais, adaptando o ensino à realidade de cada aluno (...)". "(...) criar um ambiente seguro e acolhedor, fornecer apoio emocional e incentivar os alunos a acreditarem em si mesmos e em seu potencial de aprendizado".
Conversa 3	"(...) inicialmente, não foi uma escolha". "(...) a EJA passou a ser uma bandeira". "A inclusão digital na EJA é mais um desafio, tanto para estudantes como para professores que atuam na modalidade". "(...) o acesso ainda não é para todos e, também, há as limitações relacionadas ao uso da tecnologia pelos estudantes mais idosos". "(...) empoderar os estudantes para os desafios do mundo moderno". "(...) despertar o interesse dos estudantes a permanecerem na escola". "(...) conhecer o que afeta esse público, para que não desistam!". "Compreender o percurso e oferecer o que realmente seja do interesse dos estudantes é um desafio permanente".

Fonte: Autoral (2024).

Segundo a abordagem de Bardin (2016), três etapas foram realizadas para análise de conteúdo do material coletado. Na pré-análise, houve uma familiarização com os dados coletados, de forma que se buscou compreender o contexto e as características, envolvendo a leitura e o exame dos materiais analisados. Logo após, passou-se à codificação dos dados, de acordo com as categorias estabelecidas. Na última etapa, de inferência e interpretação, os dados foram interpretados com base nas categorias identificadas. A interpretação dos resultados pode

ser feita por meio da inferência, que é um tipo de interpretação controlada. Para Bardin (2016, p. 133), a inferência poderá "apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e seu suporte ou canal, por outro, o emissor e o receptor". A partir da análise dessas verbalizações, emanaram três categorias: inclusão digital, empoderamento dos alunos da EJA e adequação do conteúdo às metodologias. Na terceira etapa da análise de Bardin são apresentadas as reflexões com inferências.

A primeira categoria remete à inclusão digital. Todas as professoras entrevistadas declararam que as tecnologias de informação e comunicação contribuem para a aprendizagem formal e, além dos muros da escola, para oportunidades na vida e nas relações sociais, conferindo mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Silva e Gomes (2021) ratificam essa perspectiva, quando apontam que a utilização das tecnologias digitais como mediadoras para a educação inclusiva e cidadã, com a finalidade de aproximar o discente e essas tecnologias, gera um novo âmbito para o aluno ser introduzido na sociedade com melhores oportunidades, diminuindo o abismo social. E, também, a utilização das ferramentas tecnológicas como recursos facilitadores na prática cotidiana dos alunos jovens e adultos da EJA.

A respeito desse assunto, Vasconcelos (2018) afirma que as tecnologias de informação e comunicação devem ser utilizadas de forma consciente, crítica e autônoma, respeitando a diversidade e as particularidades dos alunos da EJA. O acesso às tecnologias digitais não é igual para todos, há um contraponto: as limitações dos alunos mais idosos no acesso e utilização, fator para o qual o docente da EJA deve ter um olhar bem profundo e atento. Os professores, mesmo com todas as dificuldades de acesso às tecnologias digitais, demonstram interesse na utilização das ferramentas digitais para o trabalho com leitura e escrita dos alunos jovens e adultos da EJA, comentando sobre os seus benefícios. Mas também veem tal prática como um desafio, devido à falta de acesso, falta de conexões e aparelhos deficientes.

A segunda categoria remete ao empoderamento dos alunos da EJA. Mostra que o uso das tecnologias da informação e comunicação, a partir do momento em que os alunos da EJA as dominam, proporciona maiores oportunidades no mercado de trabalho. Além disso, com esse domínio, os alunos ficam estimulados, aumentando sua autoestima, melhorando sua inserção social e conquistando o empoderamento. Esses alunos muitas vezes têm histórias de vida muito difíceis, vivendo à margem da sociedade, por vezes tendo de largar a escola por motivo de trabalho, com falta de acesso e de oportunidades, e o fato de voltarem aos estudos formais, aprendendo a utilizar as ferramentas digitais, possibilita que persigam seus objetivos e

conquistem vitórias, também aumentando assim sua autoestima. Arroyo (2017) destaca a relação entre o ensino e o mundo do trabalho, pois os alunos jovens e adultos da EJA buscam a escola para melhorar sua qualificação profissional e suas condições de vida. Além disso, segundo Gonzatti e Reginatto (2019, p. 20), “as TICs são aliadas na efetivação de um ensino mais crítico”.

A terceira categoria remete à adequação de conteúdos às metodologias. Há dificuldades enfrentadas pelos docentes para encontrar uma metodologia adequada e significativa para os alunos da EJA, visto que estes são extremamente diversos no que tange à faixa etária, aspirações, objetivos, perspectivas e percepções de mundo. Então, são necessárias metodologias que deem conta dessa pluralidade, para que não haja evasão e para que se tenha uma aderência dos alunos aos estudos formais da EJA. Cabe ao professor não depositar conteúdos sem sentido, com justaposição de informes ou prescrições doadas, mas significar os conteúdos, remetendo àqueles que deem sentido a um aprendizado que traga conhecimentos relevantes e que possa auxiliar esse jovem, adulto ou idoso da EJA a se reconhecerem como sujeitos de direitos atuantes e que se comprometem com sua prática pedagógica, metodológica e social. Para Gadotti e Romão (2011), o aluno adulto da EJA não pode ser tratado como criança, ele precisa entender e ver uma aplicação concreta do que está aprendendo, ter seu direito de se expressar. Dessa forma, é necessário utilizar metodologias em que o aluno seja um sujeito interativo que pensa e pergunta, capaz de construir e reconstruir hipóteses.

Após a leitura das conversas 1, 2 e 3, a pesquisadora pôde se valer de algumas reflexões sobre as práticas pedagógicas das professoras com as quais conversou.

O trabalho na educação de jovens e adultos, de início, não é uma opção, mas uma adequação do professor às suas necessidades de vida cotidiana. Há uma preocupação de sempre perder os alunos para a evasão, procurando adequar conteúdos e metodologias condizentes às necessidades dos alunos jovens e adultos, que tiveram várias experiências nas escolas.

A educação de jovens e adultos, por inúmeros motivos, principalmente o econômico, traz esse público de volta à escola, mas há diversas dificuldades familiares, econômicas e sociais que precisam ser superadas para que os alunos tenham sucesso em seus caminhos na educação. Portanto, é necessária uma educação libertária e com afeto para os jovens e adultos, buscando a cidadania e a liberdade de ação numa consciência justa e libertária (Freire, 2019).

A EJA não pode ser ignorada. É necessário que haja políticas públicas capazes de resgatar o sujeito como ser social.

5 CAMPO: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Essa fase de estudo, conhecida como coleta de dados no local, ocorreu em março de 2024, após obtenção das autorizações necessárias da Secretaria Municipal de Educação de Niterói, pelo Setor de Núcleo de Estágio (NEST), conforme evidenciado nos documentos fornecidos. Durante esse período, foram visitadas duas Unidades Escolares, com o propósito de apresentar os objetivos da pesquisa e responder quaisquer dúvidas que pudessem surgir.

A fase de pesquisa de campo é aquela na qual ocorrem a observação, coleta, análise e interpretação dos dados e eventos dentro do ambiente estudado. É uma etapa em que as informações são obtidas diretamente do objeto de estudo. As técnicas de coleta de dados referem-se aos métodos práticos utilizados para obter essas informações do processo de pesquisa, conforme definido por Lakatos e Marconi (2013).

A técnica de entrevista semiestruturada refere-se à obtenção de informações sobre um tema específico, por meio de perguntas diretas aos participantes da pesquisa, envolvendo uma interação entre pesquisador e os entrevistados, sendo comumente aplicada em estudos nas áreas das Ciências Humanas. Nesse contexto, "o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam" (Severino, 2016, p. 133). O objetivo do pesquisador é entender as percepções, conhecimentos e ações dos participantes sobre o assunto em questão.

No período de março de 2024, 11 perguntas foram feitas pelo *WhatsApp* e respondidas por cinco professores de duas Unidades Escolares da Rede Municipal de Niterói, ambas atendendo a EJA no horário noturno. As perguntas eram referentes ao cotidiano da sala de aula, a prática pedagógica do professor e sobre a inclusão digital no processo de aprendizagem dos alunos da EJA. As perguntas encontram-se no Apêndice III.

5.1 Caracterização das unidades escolares pesquisadas para o campo

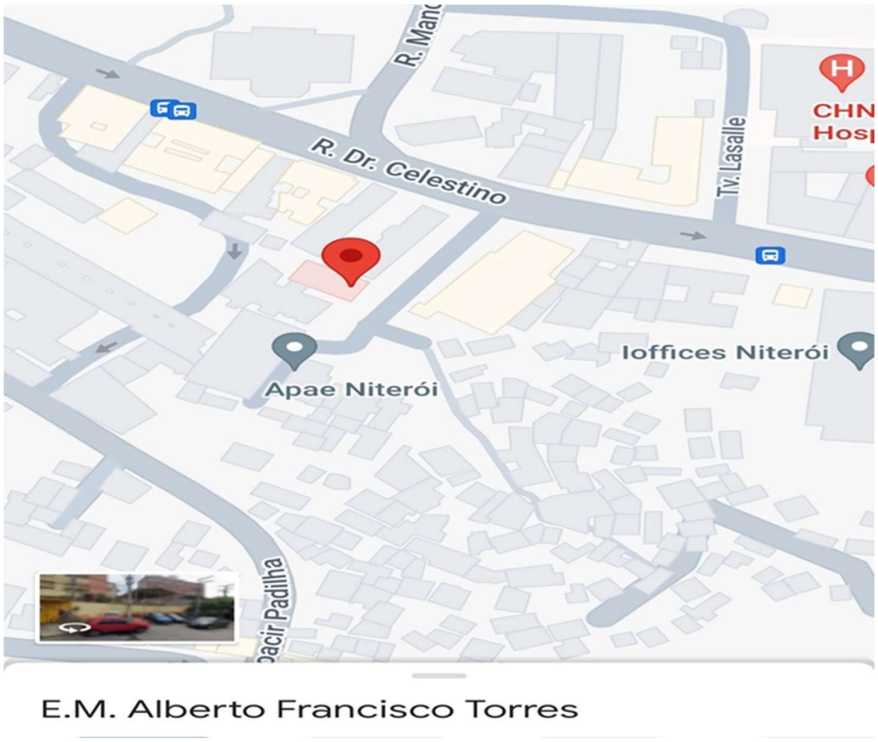
A Unidade Escolar Dr. Alberto Francisco Torres, código do INEP: 33056706, localizada na região do Centro de Niterói, situa-se numa rua sem saída, dando acesso a uma das tantas comunidades de Niterói. Avizinha-se com a APAE, a UMEI Rosalda Paim e a Faculdade de Enfermagem da UFF. Funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. O nome da escola foi em homenagem ao Dr. Alberto Francisco Torres, político, jornalista, bacharel em direito e proprietário do Jornal Fluminense.

A Unidade Escolar Alberto Francisco Torres possui uma diretora geral, uma diretora adjunta para todos os turnos, à noite um pedagogo especificamente para a EJA, cinco

professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, um de Artes e um de Educação Física, que fazem o regime de Dupla Regência – suas matrículas são de outras escolas no horário diurno da Rede. A escola tem cinco turmas dos anos iniciais da EJA, com média de 13 alunos por turma, com aulas presenciais.

A Unidade Escolar (UE) tem como infraestrutura: acesso à internet, banda larga, alimentação para os alunos, energia, esgoto e água da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, água filtrada; instalações de ensino: nove salas de aula, laboratório de informática e de ciências, quadra de esportes coberta, pátio coberto e descoberto; salas: de leitura, da diretoria, dos professores, secretaria, de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE), biblioteca, almoxarifado, cozinha, despensa, refeitório, banheiros, banheiro adequado a alunos com deficiência e/ou mobilidade reduzida; equipamentos: DVD, aparelho de som, copiadora, impressora (Censo, 2021).

Figura 6 – Localização da UE Alberto Francisco Torres



Fonte: *Google Maps*.

A Unidade Escolar Altivo César, código INEP: 33056650, localizada no bairro Barreto, cidade de Niterói, situa-se numa avenida larga, dando acesso a várias ruas e bairros de Niterói. Avizinha-se com duas escolas da Rede Municipal: a UMEI Adelino Magalhães e a Unidade

Municipal André Trouche, de Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. A escola foi intitulada devido ao seu fundador ter esse nome.

A UE possui uma diretora geral, uma diretora adjunta para todos os turnos, cinco professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental – EJA, um de Artes e um de Educação Física, que fazem o regime de Dupla Regência – suas matrículas são de outras escolas no horário diurno da Rede. A escola tem cinco turmas dos anos iniciais da EJA, com média de 12 alunos por turma, com aulas presenciais.

A unidade tem como infraestrutura: acesso à internet, banda larga, alimentação para os alunos, energia, esgoto e água da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, água filtrada; instalações de ensino: dezessete salas de aula, laboratório de informática e de ciências, quadra de esportes coberta e pátio coberto e descoberto; salas: de leitura, da diretoria, dos professores, secretaria, de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE), biblioteca, auditório, almoxarifado, cozinha, despensa, refeitório, banheiros com chuveiro, banheiro adequado a alunos com deficiência e/ou mobilidade reduzida; equipamentos: DVD, aparelho de som, copiadora, impressora (Censo, 2021).

Figura 7 – Localização da UE Altivo César



Fonte: *Google Maps*.

5.2 Dados do campo: tabulação

No Quadro 4 estão tabulados os dados do campo. Cada entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. A transcrição foi realizada com auxílio de um aplicativo chamado *Transkriptor*. Ajustes mínimos foram realizados nas anotações, apenas para correções pontuais, com vistas à melhor compreensão do que estava sendo dito. Todavia, hesitações e disfluências foram preservadas.

Quadro 4 – Dados do campo

Professores (Ps)	Registros
P1	SPK_1 Boa tarde, sou Hélia Moura, mestranda em Tecnologias da Educação. Estou fazendo pesquisa com professores de alfabetização da EJA na Unidade Escolar Altivo César. Seguem as perguntas. Professora A. 1. Quantos anos você tem? SPK_2 51 anos. SPK_1 2. Há quanto tempo você trabalha na EJA? SPK_2 4 anos. SPK_1 3. Você sente que os cursos, formações continuadas te preparam para a realidade em sala de aula? SPK_2 De certa forma, sim. Todavia, nada supera o cotidiano, pois cada turma vai propondo desafios diferentes que te fazem crescer como profissional, a fim de ser partícipe da formação daqueles sujeitos. SPK_1 Número 4. Qual a sua formação? SPK_2 Sou graduada em Pedagogia, tenho três pós-graduações, duas em Educação Especial, uma em História. Atualmente sou mestranda. SPK_1 5. Qual o propósito social da EJA? SPK_2 Proporcionar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento educacional para pessoas que, por algum motivo, não tiveram acesso, continuidade ou conclusão dos estudos na idade apropriada. A EJA visa promover a inclusão social, reduzir o analfabetismo, oferecer qualificação profissional e possibilitar a inserção desses indivíduos no mundo do trabalho e na sociedade de forma mais ampla. SPK_1 6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA?

	SPK_2 Apesar de desafiador, é extremamente estimulante, pois para nós professores é muito bom quando você está diante de uma classe que quer aprender. Isto nos impulsiona a ser melhores profissionais. Fora que o aprendizado e as vivências de vida tornam-se uma experiência excepcional. SPK_1 7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA? SPK_2 Hoje e sempre, falta de recursos, falta de investimento e as dificuldades que os alunos têm de se manter na escola, tendo em vista fatores como idade, trabalho, demandas domésticas. Acredito que um incentivo financeiro ajudaria a promover a inserção e permanência dos alunos nas turmas da EJA. SPK_1 8. O que você identifica como pontos de sucesso no trabalho que vem realizando na EJA? SPK_2 Além de ver o desenvolvimento desses alunos e a conquista de um direito que muitas vezes lhes foi negado ao longo da vida, a experiência de troca é muito gratificante. SPK_1 9. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologias de informação e comunicação e metodologias específicas no trabalho na EJA? SPK_2 Ainda hoje, em pleno século XXI, ainda é muito escasso e voltado para o público infantojuvenil. SPK_1 10. Que impactos você acredita que as tecnologias de informação podem ter junto aos alunos da EJA? SPK_2 Acredito que a tecnologia pode ampliar o acesso à educação, permitindo que alunos da EJA tenham aulas online, acesso a materiais didáticos digitais e participem de cursos à distância, superando barreiras geográficas e temporais, bem como a tecnologia pode ser utilizada para oferecer cursos de atualização e capacitação profissional para os alunos da EJA, contribuindo para sua inserção e progressão no mercado de trabalho, do qual muitos estão à parte, tendo em vista a falta de qualificação profissional e acadêmica. SPK_1 11. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA, para que possam trabalhar melhor? SPK_2 Além da formação técnica e pedagógica, é importante que os profissionais que desejam trabalhar com jovens e adultos desenvolvam habilidades como empatia, escuta ativa, respeito à diversidade, capacidade de adaptação a diferentes contextos e disposição para o aprendizado contínuo. A prática reflexiva, o trabalho colaborativo e a construção de vínculos positivos com os alunos, suas famílias e a comunidade também são fundamentais para o sucesso na atuação com a EJA.
	SPK_1 Professora B. 1. Quantos anos você tem? SPK_2 53.

P2	SPK_1 2. Há quanto tempo você trabalha na EJA? SPK_2 10 anos, com uma interrupção de 3 anos. SPK_1 3. Você sente que os cursos, formações continuadas, te preparam para a realidade em sala de aula? SPK_2 Não. A teoria dos cursos não condiz com a realidade dos alunos. SPK_1 4. Qual a sua formação? SPK_2 Normal, pedagogia e pós em psicopedagogia. SPK_1 5. Qual o propósito social da EJA? SPK_2 A EJA tem como princípio oferecer aos alunos a oportunidade de formação que por qualquer razão o aluno não teve acesso no tempo certo. SPK_1 6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA? SPK_2 Trabalho com o primeiro ano. Minha turma tem pessoas de 40 anos para cima. O mais velho tem 80. Um rapaz 19 que saiu da medida socioeducativa. Rarissimamente, passo atividade no quadro. O perfil dos meus alunos são pessoas com diferentes dificuldades cognitivas e sensoriais: visão limitada, audição limitada, raciocínio limitado, coordenação limitada e o raciocínio alterado pelo alcoolismo ao longo dos anos. Alunos com DI não diagnosticado que parou de estudar. Alguns dos meus alunos são alunos que estão no sétimo, terceiro ou outros anos e não foram alfabetizados. Conscientes disso, entram na minha sala e não querem mais sair. SPK_1 7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA? SPK_2 O maior desafio é a continuidade do trabalho. A disposição dos alunos... existe o querer, mas o corpo cansado, exausto, já não consegue responder. Os compromissos e as responsabilidades fora da escola são grandes. O ônibus não está disponível adequadamente... SPK_1 8. O que você identifica como ponto de sucesso no trabalho que vem realizando na EJA? SPK_2 Tem alunos que passaram por mim e foram alfabetizados. Não conheciam nem uma vogal com mais de 40 anos. Foram alfabetizados e seguem conquistando, ano após ano, o sonho de se formar, fazer cursos e etc. Outros encontram nesse espaço da EJA um lugar para conviver bem, fora do ambiente de trabalho e familiares. O conhecimento do mundo, o reconhecimento do poder e da força que eles ainda não alfabetizados podem ter. A conscientização de que não precisam saber ler e escrever para lutar pelos seus direitos e se reconhecerem como gente, cidadão, etc. É lindo ver meu aluno brigando pelos seus direitos, pelos direitos, independente da leitura e da escrita, não permitem mais ser humilhados.

	SPK_1 Nove. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologias de informação e comunicação e metodologias específicas ao trabalhar na EJA? SPK_2 Geralmente, trabalho com atividades impressas. Meu objetivo é tentar alfabetizar quem é possível, treinar a assinatura de alguns e promover um ambiente acolhedor para outros. Trabalho no ritmo deles. Entrego a atividade e faço a explicação no quadro, buscando deles a resposta de quem consegue dar e respondendo para a maioria que apenas tenta copiar. SPK_1 10. Que impactos você acredita que as tecnologias de informação e comunicação podem ter junto aos alunos da EJA? SPK_2 As tecnologias de informação e comunicação auxiliam e são boas ferramentas para trabalhar com os alunos. SPK_1 Onze. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA para que possam trabalhar melhor? SPK_2 Sim. Formações pedagógicas objetivando especificamente o trabalho de leitura e escrita para jovens e adultos.
P3	SPK_1 Unidade Escolar Alberto Francisco Torres, professora C. 1. Quantos anos você tem? SPK_2 57 anos. SPK_1 Há quanto tempo você trabalha na EJA? SPK_2 12 anos. SPK_1 3. Você sente que os cursos, formações continuadas te preparam para a realidade em sala de aula? SPK_2 Não. SPK_1 4. Qual a sua formação? SPK_2 Licenciatura em Pedagogia. SPK_1 5. Qual o propósito social da EJA? SPK_2 Desenvolvimento pleno do aluno da EJA, resgatando sua identidade através do conhecimento formal e do conhecimento trazido por ele. SPK_1

	6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA? SPK_2 Estou numa turma de alfabetização, trabalho com a proposta na EJA baseada em Paulo Freire. Trabalhamos não só da perspectiva do letramento, mas o significado de construção com os alunos, o processo de alfabetização. Minha prática é voltada para que esses alunos aprendam a ler e a escrever. Mas indo além, que eles aprendam, adquiram conhecimentos que não estão fechados na escola, que estão no mundo e que se relacionam com a escola. Meu trabalho é sempre buscando a realidade dos alunos com minha prática pedagógica. Para Paulo Freire, ensinar aos alunos e, ao mesmo tempo, é aprender com eles, pois trazem muito conhecimento e experiência de vida. O currículo é voltado às vivências como foco de aprendizagem, Alunos trazem seus conhecimentos, levam nossos conhecimentos, interagem com esses conhecimentos. O conhecimento permeia minha aula o tempo todo. O objetivo é que saiam da escola, além de ler e escrever, construir outros conhecimentos e olhar de forma crítica ao mundo. SPK_1 7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA? SPK_2 Cotidianamente, são inúmeros, pois esbarramos algumas vezes com evasão. Baixa autoestima, mas ao mesmo tempo, ao chegar na sala de aula, os alunos tomam o ânimo de prosseguir. Por vezes, o horário de trabalho interfere, aí temos que conversar com o aluno para que este não desista da escola. Tentamos organizar e reorganizar nosso planejamento. Isto é muito flexível e o pedagogo é muito parceiro e nos auxilia na flexibilidade do planejamento. SPK_1 8. O que você identifica como pontos de sucesso no trabalho que vem realizando na EJA? SPK_2 Inúmeros. As construções dos alunos, a entrega para o novo, para aprender novos conhecimentos. Quando trazem assuntos em pauta na sociedade, discutimos, saem com novos olhares. A luta pela dignidade, pelo respeito a si próprio, os avanços na aprendizagem, a participação nos projetos, os passeios que, mesmo às vezes de dia, se organizam, conseguindo, enquanto grupo, atingir o objetivo que almejam. SPK_1 9. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologia de informação e comunicação, metodologias específicas ao trabalhar na IEJA? SPK_2 Temos um laboratório de informática. O que precisamos, somos orientados pela coordenação. Um colega que entende mais, auxilia quem ainda está com determinada dificuldade. Nós organizamos e construímos nossos materiais. Não temos nada específico das Tecnologias de Informação e Comunicação para o trabalho na EJA. SPK_1 10. Que impactos você acredita que as tecnologias de informação podem ter junto aos alunos da EJA? SPK_2 Impactos positivos, pois vivemos na era das TICs e utilizá-las nos permite ter bastante material para ser trabalhado. O que posso, vou fazendo junto com meus alunos. Vamos construindo juntos. Tem muitos alunos que dominam as TICs, bem mais do que eu. Aí eu peço auxílio para muitas atividades trabalhadas. SPK_1 11. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA para que possam trabalhar melhor?

	SPK_2 Sim. Formação para aprender a trabalhar com os recursos que as TICs podem auxiliar na minha prática. Uma formação para aprender a interagir com jogos educativos que permita auxiliar os alunos em sua aprendizagem. Curso de especialização e atividades específicas para EJA.
P4	SPK_1 Professor D. 1. Quantos anos você tem? SPK_2 42 anos. SPK_1 2. Há quanto tempo você trabalha na EJA? SPK_2 10 anos. SPK_1 3. Você sente que os cursos, formações continuadas te preparam para a realidade em sala de aula? SPK_2 Não. SPK_1 4. Qual a sua formação? SPK_2 Licenciatura plena em Pedagogia na UERJ. SPK_1 5. Qual o propósito social da EJA? SPK_2 São os próprios propósitos dos alunos, pois cada aluno busca algo diferente. Resgate da autoestima, formação para melhoria no trabalho, propósito religioso, local de socialização. SPK_1 6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA? SPK_2 Todos os dias inicio com propostas de acolhimento, pois entendo que os alunos chegam com constituições, marcas e expectativas. Temos que entender suas necessidades. A nossa matéria-prima é a história de vida de cada aluno. E partindo desse viés, vamos entender o que o aluno busca. Cada realidade é uma. Partimos da discursividade, o que quer aprender. O que for importante. Não tem um currículo único. Vamos construir o currículo com a história de vida como pano de fundo. Dialogar com o aluno a expectativa dele. E a partir daí, juntamos o conhecimento sistematizado com o informal. SPK_1 7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA? SPK_2 Ser visto. Precisa lembrar que a EJA existe na rede. A adaptação. Não há equiparação. Tudo se volta às crianças do ensino regular. Controle de evasão. De meados de 2023 até hoje, houve um número grande de matrículas e poucos números de evasão. Atendemos alunos de abrigos, só evadem quando deixam os abrigos. Mantemos contato com a supervisora e esta nos relata quando se evadem do abrigo. Aí deixam de frequentar a escola. Aqui em frente, tem um movimento na subida da comunidade. É muito tentador para alguns alunos. Aí o aluno que não permanece, o que o leva para a rua, sai da escola. Sucesso é a realização do professor. Ver

	a construção do currículo na sala, atendendo aos alunos, este tendo significado e sentindo na prática. Sucesso é o professor empolgado com a vitória dos alunos. Vejo muitos sucessos e pouquíssimos fracassos. Trabalhamos com a coletividade. Temos um coletivo forte, a base é sólida, feita no coletivo. O objetivo sempre é a superação. O pedagogo trabalha junto aos professores. A escola vem num crescente pós-pandemia. O aluno quer permanecer na escola. Todos os professores são alfabetizadores. Para trabalhar um cálculo, a professora de matemática primeiro auxilia o aluno a ler e interpretar o problema, para depois ir para resolver as questões da matemática. E por aí vai com as demais disciplinas. SPK_1 9. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologias de informação e comunicação e metodologias específicas ao trabalhar na EJA? SPK_2 Construí muitos materiais, pois específicos não há a EJA. Trabalhamos com a pedagogia de projetos. Elaboramos o projeto e trabalhamos nele. Este ano, nós focaremos no projeto EJA no Mundo do Trabalho. Partindo da guerra, eleições, olimpíadas. Trabalharemos com o produto final, um documentário. Ano passado, trabalhamos os 450 anos de Niterói e a história da cidade, e a história de vida de cada um. SPK_1 10. Que impactos você acredita que as tecnologias de informação podem ter junto aos alunos da EJA? SPK_2 Positivos. Temos um laboratório de informática na escola. Ainda está um pouco insuficiente o trabalho com os alunos. Este ano, pretendemos fomentar mais a interação dos alunos no laboratório. Todos os alunos utilizam o celular, têm suas redes sociais, utilizam o *WhatsApp*, mas queremos ir além disso, trabalhar os diversos assuntos na perspectiva da pesquisa, da utilização da máquina para o cotidiano de aprendizado do aluno. Informação é o mote para o trabalho com as tecnologias de comunicação e informação. Objetivamos, como falei anteriormente, fomentar o manuseio no computador, o uso da internet. SPK_1 11. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA para que possam trabalhar melhor? SPK_2 Incentivar os professores sobre como usar as técnicas de informação e comunicação; ainda falta a pegada, pois falta um profissional especializado. Nem todos nós temos a *expertise* para trabalhar com as tecnologias de comunicação e informação.
P5	SPK_1 Professor E. 1. Quantos anos você tem? SPK_2 55 anos. SPK_1 2. Há quanto tempo você trabalha na EJA? SPK_2 10 anos. SPK_1 3. Você sente que os cursos Formações Continuadas te preparam para a realidade em sala de aula? SPK_2

	Não. SPK_1 4. Qual a sua formação? SPK_2 Licenciatura em Pedagogia. SPK_1 5. Qual o propósito social da EJA? SPK_2 Resgatar, através da escolarização, o acesso e permanência dos alunos, oriundos de histórias singulares, que almejam vários objetivos; também de ter escolarização, mas vai além, deixar de ser invisível na sociedade. SPK_1 6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA? SPK_2 Trabalho com alfabetização. Meus alunos são todos adultos, não tenho adolescentes. Eles chegam cansados do dia de trabalho exaustivo. Não só mental, mas a maioria é trabalho pesado, bruto, onde demanda trabalho físico. Mas, a partir do momento que as propostas são feitas, se animam e interagem com as atividades. Cheios de pique, muito motivados. SPK_1 7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA? SPK_2 Sempre trazendo o acolhimento, a escuta, propostas que tragam o interesse e que tenham significado para o aluno, pois atendo alunos de abrigo. A rua é um catalisador de emoções, ruins, libertadoras, e às vezes, para eles, vem trazer algo que nós não compreendemos e nem alcançamos, mas para o aluno é importante, é vital. Aí, quando saem dos abrigos, perdemos esse aluno para as ruas. Então, para mim, o maior desafio é manter esses alunos específicos na escola. SPK_1 8. O que você identifica como pontos de sucesso no trabalho que vem realizando na EJA? SPK_2 Todos os dias, quando vejo meus alunos chegando, sala cheia, atividades acontecendo, é um sucesso. Traço objetivos juntos aos meus alunos, aqueles que temos a chance de alcançar, não nivelo por baixo. Sou exigente, mas a parceria entre nós é gigantesca. Então é só sucesso. Percalços muitos, mas conseguimos driblá-los para encarar outros tantos. SPK_1 9. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologias de informação e comunicação e metodologias específicas ao trabalhar na EJA? SPK_2 Aqui temos sala de informática com computadores funcionando. Temos uma gestão que acredita na EJA. É fundamental para o sucesso das empreitadas com a EJA. Parceria, a EAP, Direção e Coordenação, são muito parceiros. Mas, ainda, ao fazermos o trabalho, precisamos nos unir. Visto a revista eletrônica, que foi um sucesso feito em 2023. Foi a culminância do projeto instituinte, *Niterói, há 450 anos*. O processo foi maravilhoso. Tivemos apoio, tivemos apoio. Muito apoio. E tivemos apoio de fora da escola. Apoio da própria fundação, da própria Secretaria Municipal de Educação. Eu, particularmente, ainda engatinho para o trabalho com as TICs e alfabetização, assim, a TIC com alfabetização com meus alunos. Utilizo, mas ainda com certa dificuldade específica. E a especificidade com a EJA não há.

	SPK_1 10. Que impactos você acredita que as tecnologias de informação podem ter junto aos alunos da EJA? SPK_2 Enormes impactos, enquanto utilizar ferramentas para auxiliar em atividades com os alunos, assim como para os próprios alunos adultos na era digital. Temos perdidos de aprendizagem formal, porque a gente não tem esse conhecimento, a gente não tem a formalização desse conhecimento. E se não utilizarmos a TIC, a gente vai ficar mais para trás. Digo isso em relação ao currículo. SPK_1 11. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA para que possam trabalhar melhor? SPK_2 Sim, trabalhar uma política sustentável, uma sistematização do trabalho, elaborar materiais específicos para a EJA e fazer esse paralelo da EJA com as tecnologias de comunicação e informação.

Fonte: Autoral (2024).

6 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas entrevistas com cinco professores regentes da Unidade Escolar Altivo César e da Unidade Escolar Alberto Francisco Torres, pertencentes à rede municipal de ensino de Niterói/RJ; respectivamente, as escolas estão localizadas no Barreto, bairro da zona norte da cidade, limítrofe ao município vizinho São Gonçalo, e no Centro da cidade de Niterói.

A escolha destas unidades deve-se ao fato de haver oferta da Educação de Jovens e Adultos no horário noturno.

Os professores entrevistados (doravante nomeados P1, P2, P3, P4 e P5) atuam junto aos alunos do primeiro ano do fundamental da EJA e apresentam os seguintes dados:

Quadro 5 – Dados pertinentes do campo

	Idade	**Tempo de atuação na EJA (em anos)**	**Formação**
P1	51	4	Graduação em Pedagogia, pós-graduações *lato sensu* (duas em Educação Especial e uma em História), Mestrado em curso.
P2	53	10	Curso Normal, Graduação em Pedagogia e pós em psicopedagogia
P3	57	12	Graduação em Pedagogia.
P4	42	10	Graduação em Pedagogia.
P5	55	10	Graduação em Pedagogia.

Fonte: Autoral (2024).

Como podemos verificar, os professores apresentam um tempo significativo de prática na modalidade, sendo que apenas um deles apresenta menos de uma década de atividade. Todos apresentam nível superior em Pedagogia — formação exigida para o cargo — e dois possuem curso de pós-graduação, o que demonstra uma preocupação em investir na atualização profissional.

Apesar de a rede de ensino de Niterói ofertar cursos visando a formação continuada dos seus professores, os entrevistados são quase unânimes em reconhecer a baixa contribuição efetiva, proporcionada por esses cursos, na sua prática diária. P2 afirma que "A teoria dos cursos não condiz com a realidade dos alunos". Já P1 reconhece que sempre há uma contribuição mais efetiva, porém é o dia a dia junto aos alunos que vai delineando o trabalho: "Todavia, nada supera o cotidiano, pois cada turma vai propondo desafios diferentes, que te fazem crescer como profissional, a fim de ser partícipe da formação daqueles sujeitos".

Considerando que o trabalho com esta modalidade de ensino possui características singulares, visto que abrange uma clientela diferenciada, procuramos investigar se a tecnologia está presente no cotidiano escolar desses alunos e se é ou pode ser utilizada efetivamente como

um coadjuvante na construção da leitura e da escrita, ou seja, se o processo de formação do sujeito leitor na educação de jovens e adultos pode ser potencializado por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação. A partir daí podemos classificar os achados em três categorias que vieram à tona após a pesquisa: (1) Função social da EJA; (2) Desafios enfrentados; e (3) Acesso e uso de tecnologias na EJA, que abordaremos em seguida, após explicitação do campo de pesquisa.

6.1 Função social da EJA

Não podemos pensar em educação de jovens e adultos sem considerar o papel que esta desempenha na sociedade como um todo. Destinada àqueles que não tiveram a chance de frequentar a escola regular ou concluir seus estudos, pelos motivos mais variados possíveis, a função social revela-se muito mais profunda do que apenas ensinar a ler, escrever e fazer cálculos matemáticos.

É por meio da escolarização que os indivíduos conseguem exercer seu papel social com maior autonomia, como podemos confirmar com a fala de P1: “A EJA visa promover a inclusão social, reduzir o analfabetismo, oferecer qualificação profissional e possibilitar a inserção desses indivíduos no mundo do trabalho e na sociedade, de forma mais ampla”.

Os alunos que buscam o ensino depois de terem suas famílias formadas e estarem inseridos no mercado de trabalho, muitos no mercado informal, buscam não apenas o diploma que coroa o fim de uma etapa, mas sim o resgate de uma autoestima abalada socialmente. P3 destaca que a função social da EJA é exatamente proporcionar o “[...] desenvolvimento pleno do aluno, resgatando sua identidade através do conhecimento formal e do conhecimento trazido por ele”.

O espaço escolar, portanto, deve ser o campo onde a bagagem trazida pelo aluno deve ser respeitada, ao mesmo tempo em que ele é instrumentalizado para exercer a cidadania em sua plenitude. A aquisição da leitura e da escrita é um marco na construção da identidade desse aluno, que se vê alijado das mais simples rotinas sociais - como escrever um bilhete para um parente, ler o letreiro do ônibus que pega para ir ao trabalho, abrir uma conta bancária, assinar seu nome no momento da votação, sem passar pelo constrangimento de ter de carimbar seu dedo no caderno de presença, entre tantas outras situações - até à educação formal na idade certa.

Cada aluno tem suas próprias motivações e objetivos para retomar os estudos interrompidos por histórias de vida tão diversas: “[...] cada aluno busca algo diferente: resgate

da autoestima, formação para melhoria no trabalho, propósito religioso, local de socialização" (P4). Independente da motivação inicial que leva esses alunos a realizarem a inscrição na EJA, todos têm um ponto em comum, que pode ser resumido nas palavras de P5: "[...] deixar de ser invisível na sociedade".

Para tanto, é preciso que os professores que acolhem esses alunos façam o possível para garantir a permanência deles no espaço escolar. E, para isso, são muitos os desafios enfrentados.

Para Freire (1997), a função social da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é demasiadamente importante como instrumento de transformação social e de promoção da consciência crítica dos alunos. A EJA, para o autor, não se limita a proporcionar oportunidades de aprendizado para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na faixa etária certa, mas desempenha um papel poderoso na promoção da cidadania e na luta contra as desigualdades sociais, "[...] meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências" (Freire, 1997, p. 85).

6.2 Desafios enfrentados

São vários os desafios enfrentados pelos profissionais que atuam junto ao aluno da EJA, começando pelo fato de que estudar no período noturno requer muita determinação para vencer o cansaço de um dia repleto de compromissos, tanto fora, quanto dentro de casa. Abdicar do convívio familiar para investir em si mesmo, muitas vezes sem o apoio emocional dos familiares, é uma tarefa árdua e não são poucos os que evadem.

P5 nos conta que seus "[...] alunos são todos adultos [...]. Eles chegam cansados de um dia de trabalho exaustivo. Não só mental, mas a maioria é trabalho pesado, bruto, onde demanda trabalho físico". As palavras de P2 complementam essa dificuldade de concentração nos estudos após um dia cansativo e acrescenta a dificuldade de locomoção entre a unidade escolar e a casa do estudante: "O maior desafio é a continuidade do trabalho, a disposição dos alunos. Existe o querer, mas o corpo cansado, exausto, já não consegue responder. Os compromissos e as responsabilidades fora da escola são grandes. O ônibus não está disponível adequadamente".

A evasão, portanto, é um complexo problema a ser equacionado. P3 ressalta que "[...] esbarramos algumas vezes com evasão. Por vezes, o horário de trabalho interfere, aí temos que conversar com o aluno para que este não desista da escola". Para lidar com questões como esta, é preciso flexibilizar as exigências, estabelecendo acordos mútuos. Além da dificuldade do aluno em retomar os estudos formais, devido ao período longe da escola (e, por vezes, nem

mesmo chegarem a frequentá-la), outros obstáculos como deslocamento e compromissos profissionais minam a motivação inicial e a escola precisa ser um espaço acolhedor e prazeroso.

Um outro problema que estimula a evasão está no atendimento que a unidade faz a muitos internos de abrigo, pois os mesmos costumam abandonar a escola quando saem do abrigo, de acordo com P4:

> Atendemos alunos de abrigos, só evadem quando deixam os abrigos. Mantemos contato com a supervisora e esta nos relata quando se evadem do abrigo, aí deixam de frequentar a escola. Aqui em frente, tem um movimento na subida da comunidade. É muito tentador para alguns alunos.

P5 também pontua essa questão social como um elemento de evasão: "[...] quando saem dos abrigos, perdemos esse aluno para as ruas. Então, para mim, o maior desafio é manter esses alunos específicos na escola".

A multiplicidade de pessoas com necessidades muito diversas também constitui um desafio para o professor da EJA, que se desdobra para superar tantos obstáculos. Um exemplo desse quadro é a descrição, feita por P2, de sua turma de alfabetização:

> Minha turma tem pessoas de 40 anos para cima. O mais velho tem 80. Um rapaz de 19, que saiu da medida socioeducativa. Rarissimamente, passo atividade no quadro. O perfil dos meus alunos são pessoas com diferentes dificuldades cognitivas e sensoriais: visão limitada, audição limitada, raciocínio limitado, coordenação limitada e o raciocínio alterado pelo alcoolismo ao longo dos anos. Alunos com DI [déficit intelectual] não diagnosticado, que parou de estudar. Alguns dos meus alunos são alunos que estão no sétimo, terceiro ou outros anos e não foram alfabetizados.

Como podemos ver, construir o processo de aquisição de leitura e escrita com um grupo tão heterogêneo exige não apenas uma postura diferenciada do docente que lida com ele, como também uma adequação praticamente individualizada das atividades propostas.

P3 pontua que, para dar conta dessa pluralidade de necessidades, "[...] tentamos organizar e reorganizar nosso planejamento. Isto é muito flexível e o pedagogo é muito parceiro e nos auxilia na flexibilidade do planejamento". Essa parceria certamente é um elemento fundamental para que o trabalho promova bons resultados.

P4 traz também à tona a necessidade de maior valorização do trabalho desenvolvido nesta modalidade de ensino: "O maior desafio é ser visto. Precisa lembrar que a EJA existe na Rede. Não há equiparação, tudo se volta às crianças do ensino regular". Já P1 ressalta: "Hoje e sempre, falta de recursos, falta de investimento[...]". Se as políticas públicas estiverem voltadas maciçamente para o ensino regular, uma parcela grande da população permanecerá à margem

da sociedade. É preciso que haja suporte eficiente e suficiente para o desenvolvimento do trabalho junto a esta clientela.

Arroyo (2007, p. 10) aborda a necessidade de uma abordagem pedagógica diferenciada e contextualizada, capaz de atender as demandas específicas do público da EJA: "[...] currículos que os capacitem para ter mais opções [...]" na superação das desigualdades sociais, econômicas e culturais que frequentemente impactam o acesso e o sucesso na educação.

6.3 Acesso e uso de tecnologias na EJA

Comumente, o material de suporte para o desenvolvimento das atividades junto aos alunos da EJA é adaptado do material destinado a crianças do ensino regular, conforme destaca P1: "Ainda hoje, em pleno século XXI, ainda é muito escasso e voltado para o público infanto-juvenil". Dessa forma, o professor é que costuma elaborar o próprio material, conforme nos fala P4: "Construí muitos materiais, pois específicos não há para a EJA. Trabalhamos com a pedagogia de projetos. Elaboramos o projeto e trabalhamos nele".

P2, por sua vez, afirma:

> Geralmente, trabalho com atividades impressas. Meu objetivo é tentar alfabetizar quem é possível, treinar a assinatura de alguns e promover um ambiente acolhedor para todos. Trabalho no ritmo deles. Entrego a atividade e faço a explicação no quadro, buscando deles a resposta de quem consegue dar e respondendo para a maioria que apenas tenta copiar.

Considerando que estamos inseridos em uma sociedade com as Tecnologias de Informação e Comunicação, o uso delas nesse processo de aquisição da leitura e da escrita poderia ser um elemento estimulador e facilitador para este público da EJA.

Os professores entrevistados afirmaram haver um laboratório de informática na unidade escolar, mas falta um uso mais efetivo por parte dos professores que, muitas vezes, não possuem a formação necessária para utilizar os inúmeros recursos que a tecnologia proporciona, conforme observamos na afirmativa a seguir:

> Temos um laboratório de informática. O que precisamos, somos orientados pela coordenação. Um colega que entende mais, auxilia quem ainda está com determinada dificuldade. [...] Não temos nada específico das Tecnologias de Informação e Comunicação para o trabalho na EJA" (P3).

Ou, nas palavras de P4: “Temos um laboratório de informática na escola. Ainda está um pouco insuficiente o trabalho com os alunos. Este ano, pretendemos fomentar mais a interação dos alunos no laboratório”.

Não basta existir um laboratório de informática, se os professores e estudantes não se apropriarem dele. Por outro lado, os profissionais da educação devem entender que o uso de tecnologia ultrapassa as paredes dos laboratórios, estando presente no dia a dia de todos, por exemplo, no celular que usam para falar com amigos, fotografar e/ou postar em redes sociais. Mesmo aqueles que ainda não dominam completamente a leitura conseguem manusear o celular e dar uma função a ele:

> Todos os alunos utilizam o celular, têm suas redes sociais, utilizam o *WhatsApp*, mas queremos ir além disso, trabalhar os diversos assuntos na perspectiva da pesquisa, da utilização da máquina para o cotidiano de aprendizado do aluno. Informação é o mote para o trabalho com as tecnologias de comunicação e informação. Objetivamos fomentar o manuseio no computador, o uso da internet” (P5).

P3 ressalta: “Tem muitos alunos que dominam as TICs, bem mais do que eu. Aí eu peço auxílio para muitas atividades trabalhadas. Nós organizamos e construímos nossos materiais”.

A construção da leitura e da escrita ocorre por um meio dialógico desde que tanto professores quanto alunos estejam realmente envolvidos no processo. E há inúmeros *software* que auxiliam a construção da leitura e escrita, que poderiam ser utilizados, caso houvesse uma capacitação efetiva dos professores, mas a falta de capacitação continua sendo um entrave na efetiva incorporação da tecnologia na prática pedagógica cotidiana:

> [É preciso] Incentivar os professores sobre usar as técnicas de informação e comunicação. Ainda falta a pegada, pois falta um profissional especializado. Nem todos nós temos a *expertise* para trabalhar com as tecnologias de comunicação e informação. E se não utilizarmos a TIC, a gente vai ficar mais para trás. Digo isso em relação ao currículo (P5).

Moran (2015) traz as potencialidades das tecnologias digitais para enriquecer e diversificar os processos de ensino e aprendizagem na EJA. Isto porque elas tornam os conteúdos mais acessíveis, dinâmicos e contextualizados, atendendo às necessidades e aos interesses dos estudantes adultos, adaptando as práticas pedagógicas tradicionais ao ambiente virtual, enfatizando o desenvolvimento de competências digitais, tanto para os educadores, quanto aos alunos.

A pesquisadora pôde contemplar algumas reflexões pertinentes sobre as práticas pedagógicas do grupo entrevistado. E, também, algumas reflexões sobre suas experiências ao longo das vivências no campo.

O encontro nas turmas da EJA, veio mostrar o quanto o trabalho é potente. O processo de conhecimento acontece. A preocupação com os alunos é genuína e os alunos demonstram muita confiança nos professores e na equipe de articulação pedagógica (coordenação e direção), sempre requisitando-os para sanar dúvidas, preocupações, aflições e trocas.

O que foi percebido é que, no turno da noite, os professores fazem o regime de trabalho intitulado dupla regência. Esta é vinculada à matrícula do servidor à Rede de Niterói, mas as matrículas só funcionam no turno diurno. A explicação se deve ao fato da volatilidade dos alunos: as turmas podem esvaziar de uma hora para a outra, por conta do fantasma da evasão.

Outro detalhe que chamou a atenção foi a dificuldade de conseguir as entrevistas. A pesquisadora foi muito bem tratada, mas para responderem a entrevista somente pelo *WhatsApp* e com entrega previamente marcada por eles. Somente um professor permitiu que fosse presencial a entrevista. Mas, é compreensível a recusa das entrevistas presenciais. O noturno é um turno em que todos chegam exaustos, tanto aluno, quanto professor. Mas, com os percalços que a realidade do campo traz, foi absolutamente prazeroso os momentos passados nas unidades escolares, com todos os envolvidos nos espaços.

A ideia dos jogos educativos digitais surgiu na observação do campo e nas conversas informais da pesquisadora junto aos alunos da EJA no pátio, antes das aulas iniciarem. Os alunos enquanto aguardavam o jantar estavam jogando em seus celulares. A pesquisadora perguntou se gostavam de jogos digitais, eles responderam afirmativamente e disseram ser um passatempo agradável.

7 CONCLUSÕES

Dados do campo sugerem que: (1) os profissionais, com sua longa trajetória na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com formação em nível superior, estão comprometidos com sua contínua capacitação e reconhecem que a educação tem o poder de capacitar os indivíduos a desempenharem papéis mais autônomos na sociedade; (2) a EJA tem como objetivo promover a inclusão social e combater o analfabetismo, além de fornecer habilidades profissionais essenciais para a integração desses indivíduos no mercado de trabalho e na comunidade em geral – no entanto, a preocupação com a evasão escolar é uma questão premente e precisa ser abordada, pois pode comprometer os avanços alcançados em termos de inclusão e desenvolvimento pessoal dos estudantes –; (3) integrar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) no currículo é importante para enriquecer as atividades educacionais, mesmo enfrentando desafios no processo, pois elas oferecem oportunidades para engajar os alunos e tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo.

Por meio do cenário da Educação de Jovens e Adultos, exploramos as vivências, entrevistas e observações no interior da escola, e entendemos como as novas tecnologias de educação podem ser introduzidas e aproveitadas de forma a incentivar os alunos, impulsionando-os no seu processo de ensino e aprendizagem.

Precisamos reconhecer os desafios enfrentados pelos alunos da EJA para atender plenamente às suas necessidades, sem distinções ou disparidades, pois, muitas vezes, são marginalizados, apesar das políticas públicas em vigor destinadas a eles. Lidamos com problemas políticos, econômicos, sociais e contextuais que afetam profundamente o mundo da educação nos dias de hoje, portanto é indispensável o comprometimento do professor, buscando alternativas pedagógicas que favoreçam e ressignifiquem os aprendizados desses alunos. E quando as tecnologias digitais são utilizadas de maneira eficiente, com uma abordagem inovadora, elas têm o potencial de incentivar os alunos da EJA e superar obstáculos, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais acessível e eficaz para esses indivíduos em formação na sociedade.

Ao não ter uma compreensão real da realidade enfrentada pelo segmento da Educação de Jovens e Adultos no contexto escolar cotidiano, pode-se subestimar a necessidade de integrar as novas tecnologias digitais nas práticas de ensino, no currículo e na rotina desses alunos. Assim, é preciso entender que essas ferramentas podem ser utilizadas para proporcionar uma aprendizagem em suas vidas sociais e profissionais. Porém, apesar dessa tecnologia estar

fisicamente presente em algumas escolas, muitas vezes ela não é incluída no processo educacional, devido a uma variedade de razões e desafios.

Entender a interação entre o ambiente escolar e as tecnologias pode ser um impulso para a criatividade e a inovação, além de contribuir para a criação de uma atmosfera escolar mais acolhedora e centrada no humano. Dentro desse contexto, a busca por atrair os jovens e adultos por meio de novas dinâmicas sociais pode enriquecer suas experiências, permitindo-lhes expandir além de seus conhecimentos e experiências anteriores, no contexto social e profissional.

Os estudantes da EJA trazem consigo uma variedade de conhecimentos que merecem ser explorados, aprofundados e incorporados ao currículo escolar. A utilização de novas metodologias de ensino e aprendizagem pode servir como um veículo para que os professores invistam em seu próprio desenvolvimento profissional, abrindo espaço para contínua inovação na prática educativa.

A integração das novas tecnologias digitais com outras ferramentas pode promover transformações profundas no ambiente escolar, impactando diretamente a maneira como os professores conduzem suas práticas didáticas. Durante toda a sua trajetória profissional, os educadores acompanham seus alunos na busca de soluções para desafios e na reflexão sobre o contexto em que vivem.

A dimensão afetiva desempenha um fortalecimento de vínculos entre professores e alunos na EJA, pois traz interações e compartilhamento de experiências que são essenciais ao desenvolvimento da autonomia do aluno ao longo de sua jornada escolar e acadêmica. Os laços estabelecidos entre professor e aluno fortalecem os vínculos e proporcionam um ambiente seguro para que o diálogo e a expressão por meio de diferentes linguagens possam florescer, incentivando a busca por novos conhecimentos, novas perspectivas e novas experiências.

A sociedade e os alunos mudaram, mas muitas vezes a escola permaneceu a mesma. A EJA abriga uma diversidade rica de idades, comportamentos, histórias e narrativas, e é essencial que as instituições de ensino estejam preparadas para atender a essa variedade, de maneiras inovadoras e inclusivas.

Os alunos que iniciam sua jornada escolar hoje estão imersos em um mundo onde tudo acontece muito rápido. Proporcionar o acesso à educação formal para esses alunos, independentemente da idade ou situação – inclusive daqueles que retornam à EJA em busca de resgatar oportunidades e conhecimentos perdidos, alimentando sonhos, enfrentando necessidades e trazendo consigo histórias de vida repletas de desafios que requerem apoio, compreensão e acolhimento –, é possibilitar a conquista do respeito, da autonomia e de um

conhecimento transformador, capacitando-os a serem agentes de mudança, críticos e participativos na sociedade.

A combinação de dinamismo, autonomia, agilidade, flexibilidade e um ambiente acolhedor, aliada às novas tecnologias digitais, oferece ao professor oportunidades únicas de impactar positivamente sua prática educativa com os alunos da Educação de Jovens e Adultos. Esses recursos podem ser utilizados para estimular o interesse e o envolvimento desse grupo diversificado, buscando promover aprendizagens.

Esta pesquisa objetivou analisar se a inclusão digital contribuiu com estratégias metodológicas de ensino mais apropriadas à alfabetização de jovens e adultos, considerando o discente como coautor do processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização e o aprendizado crítico e eficaz.

Discutir e repensar a inclusão digital mediada pelo professor para o auxílio na alfabetização dos alunos jovens e adultos passa pelas aprendizagens formais, ultrapassa os muros da escola e traz um real significado do saber de mundo. Os professores, trazendo sua afetividade, sua formação acadêmica, pesquisa, diálogo e trocas, supostamente farão a diferença com seus alunos. Por sua vez, os alunos jovens e adultos, com suas bagagens lotadas de cultura, lutando por seus direitos de aprendizagens significativas, apropriando-se e dando conta de suas narrativas e protagonizando suas ações, alcançarão a sua visibilidade social e atuarão na sociedade de forma bem mais dialógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, C. R. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE, E. B. **Correia de. Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva de letramento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1996.

ARANHA, S. D. G.; SOUZA F. M. **Práticas de Ensino e Tecnologias Digitais, Vol. 3**. Campina Grande: Eduepb, 2018.

ARAÚJO, J. C. S. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006.

ARROYO, M. G. Educação de Jovens–Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, M. A. G. C.; LINO, Vilma (org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, M. G. Formar Educadores de Jovens e Adultos. *In*: SOARES, L. (org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo horizonte: Autêntica/MEC/UNESCO, 2006, p.17-32.

ARROYO, M. G. **Ofícios de Mestre**: imagens e autoimagens. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes 2007.

ARROYO, M. Gonzales. **Passageiros da Noite – do trabalho para EJA**: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

AZEVEDO, Fernando. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932): a reconstrução educacional no Brasil ao povo e ao governo. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, n. especial, p. 188-204. ago. 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BELLAN, Z. S. Andragogia em Ação: Como ensinar adultos sem se tornar Maçante, Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP Editora, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12**: sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510/16**: Especificidades éticas das pesquisas nas ciências sociais e humanas e outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.brccivil_03/Constituicao/Constituição.htm. Acesso em: 13 mar. 2023.

BRASIL. **Lei 4024/61 de 20 de dezembro de 1961**. Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 14 jul. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br?ccivil_03?leis/l9394.htm. Acesso em: 13 mar. 2023.

BRASIL. **Lei n. 13.632/2018**. LDB, art. 37. 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br. Acesso em 28 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Programa Brasil Alfabetizado. **Guia do Coordenador de Turma Brasileiro**. MEC, Secadi, 2013. Disponível em: https://portal.mec.gov.br>programabrasilalfabetizado. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA). **Caderno do Professor**. Brasília, MEC, 2013. Disponível em: https://portal.mec.gov.br>programaeducacaojovenseadultos. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Projovem URBANO/ CAMPO**. Programa Projovem URBANO, Programa Nacional de Inclusão de Jovens 2013. Disponível em: https://portal.mec.gov.br>17462projovem.... Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. **O direito à educação no ordenamento constitucional brasileiro**. 2010. Disponível em: https://ambitojuridico.com.br>cadernos>direito-constitucional/o-direito-a-educaçao-no-ordenamento-constitucional-brasileiro. 2010. Acesso em: 17 jul. 2023.

CARVALHO, R. V. O estado das artes das pesquisas em Educação de Jovens e Adultos na CAPES; período de 1987-2006. **Cadernos de Pesquisa pensamento Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 8, p.117-130, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.utp.br/revistaseletronicas.asp. Acesso em: 16 mar. 2024.

COSCARELLI, C. V. (org.). **Tecnologia para aprender**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.

COSTA, J. E.; SABAG, D. M. Antônio (org.). **Educação de jovens e adultos na Cultura Digital**. São Paulo: 2020.

DIAS, F. A. S.; DIAS, J. V. O Uso de Tecnologias Digitais nas aprendizagens de Jovens e Adultos. **23º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade**. RS. 2020. Disponível em: https:\\ssec. Faccat.br>index>php>redin>issue>view. Acesso em: 17 ago. 2023.

FILATRO, A.; CASTRO, S. **Produção de Conteúdos Educacionais**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P.; MATURANA, H. Um diálogo sobre educação. **Revista Ângulo**, jan/março, 2017. Disponível em: http://www.publicacoes.fatea.br. Acesso em: 26 mar. 2023.

FREIRE, P.; PAPERT, Seymour. **Diálogos impertinentes**: o futuro da escola. São Paulo: TV PUC, 1996 [vídeo].

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2011.

GHIRALDELLI JÚNIOR. P. **História da Educação Brasileira**. 2. ed. Cortez. São Paulo, 2008.

GIL, A. Carlos. **Como Elaborar Métodos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOMES, Manoel Messias. A formação de Professores da Educação de Jovens e Adultos: características, histórico e perspectivas. **Revista Educação Pública**, v.19, n.33, 10 de dezembro de 2019. Disponível em https:\\educacaopublica.cecierj.edu.br\artigos\19\33ª-formacao-de-professor-da-educacao-de-jovens-e-adultos-caracteristicas-historico-e-perspectivas. Acesso em: 15 jun. 2023

GONZATTI, V.; REGINATTO, A. A Experiência de Alfabetização Digital nas Totalidades Iniciais da Modalidade EJA. **Educação Artes e Inclusão**, Bahia, v. 15, n. 2, p. 8-24, abril/junho 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5965/1984431781502201900 8. Acesso em: 18 jun. 2023.

INEP. **Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. 2019. INEP.gov.br. Disponível em: https://enccejanacional.inep.gov.br. Acesso em: 15 ago. 2023.

INEP. **Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Censo 2021. Disponível em: https://www.gov.br/.../divulgados-resultados-finais-do-censo-escolar-2021. Acesso em: 31 mar. 2024.

JACOBINO, G.; SOARES, J. **Metodologias Ativas na Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Brasília-DF: Faculdades Promoves, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8 ed. Campinas: Ed. Papirus, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Tempo Docente**. São Paulo: Ed. Papirus, 2014.

LIMA S. C.; ALMEIDA, L. V. O. S. Letramento digital de idoso no contexto da EJA em Mossoró- RN. **Tear – Revista da Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 4, n. 1, 2015.

MACHADO, M. M. Quando atrofiar e desqualificar são condições para manutenção da subalternidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 156-68, 2019.

MARCONI, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 9ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2013.

MELO, S. M. A. B.; SILVA, R. J.; LOPIEZO, E. B. Um Breve Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Instituto.com. **Revista Instituto IESA**. Disponível em: https://revista.institutoiesa.com/wp-context/uploads/...Arquivo PDF, 2020. Acesso em: 12 jul. 2023.

MENEZES, E. Takuno de. Verbete do MOBRAL/Movimento Brasileiro de Alfabetização. **Educabrasil**. São Paulo: Midiamax Editora 2021. Disponível https://www.educabrasil.com.br/mobral-mov.-bras-de-alfab./. Acesso em: 28 jul. 2023.

MORAIS, Ceres. Inclusão Digital na educação de Jovens e Adultos: um caminho para humanização. **Omnia Sapientiae**, Mossoró, v.1, n.1, p.53-69, agosto, 2021. Disponível em : https://revistas.catolicasdorn.com.br. Acesso em: 07 maio 2023.

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Formato Ebook: convergências midiáticas. Educação e Cidadania: aproximações jovens. SOUZA, Carlos A. de; MORALES; Ofélia E. T. (Org). Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. 180 p. (Mídias Contemporâneas, 2) p. 15-33 ISBN: 978-978-856302314-8.

NUNCIATO, R. C. **Inclusão digital**: uma experiência com alunos da EJA. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

ORSO, P. J. *et al*. **Sociedade capitalista, educação e as lutas dos trabalhadores**. São Paulo. Expressões, 2014.

PIERRO, Maria Clara Di *et al*. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, Blumenau, ISNN-0101- 3262 2011. Disponível em: htpp:\\www.scielo.br\pdf\ccedes IV21n5515541.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.

PINTO, J. M. R. *et al*. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

PRENSKY, Marc. **Não me atrapalhe, mãe**: eu estou aprendendo! São Paulo: Phorte, 2010.

SALGADO, L. M. A. Informática. *In*: **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria Educação Mídia e Tecnológica, 1999. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf. Acesso em: 09 ago. 2023.

SANCHO, Juana M. **Para uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Diana H. Barros dos *et al*. Reflexões acerca dos Desafios, Perspectivas e Metodologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA). *In*: **Anais do Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca**, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia e Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, D. C. **Você deveria ter vergonha de viver num país com tantos analfabetos**: A Campanha Publicitária do Mobral na revista Veja (1970-1975). 2019. 139-F. Dissertação (Mestrado em Ed.) Universidade Federal de Goiás. Disponível em: https://repositorio.br.ufg.br/lide/handle/tede/9558.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, G. S.; TOLEDO, J. F.; SILVA, R.; MAIA, M. A. G. Educação de Jovens e Adultos. **XII Encontro Latino americano de iniciação Científica e VIII Encontro Latino de Pós Graduação** - Universidade de Vale do Paraíba, UNIVAP.br, 06/07/2021. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br>INIC1658_02_A. Acesso em: 11 jul 2023.

SILVA, J.; GOMES, G. G. **Educação de Jovens e Adultos e Ferramentas Tecnológicas**: um diálogo sobre o contexto da inclusão digital, 2021. Disponível em: cadernoscajuina.pro.br>PDF. Acesso em: 29 mar. 2023.

SOARES, L.; GIOVANETTI; M. A.; GOMES N. L. (org.). **Diálogos na Educação da Jovens e Adultos**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Autêntica, 2020.

SOUZA, Gilson; SILVA, Luziene A. da. A educação de jovens e adultos como instrumento de transformação social. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, Centro de Ensino Superior São Gotardo, n. IV, trab. 07, p. 89-110, jul.-dez. 2011. Disponível em: http://www.periódicos.cesg.edu.br\index\php\educacaoeccultura. Acesso em: 17 ago. 2023.

STEFHANOU, Maria; BASTOS, M. Helena (org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol. III**. Petrópolis: Vozes, 2005.

STRELHOW, T. B. Breve Histórico Sobre a Educação de Jovens e |Adultos no Brasil. **Revista HISTDBR online**, Campinas, n. 38, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em: https://disciplinas.us.br/pluginfile.php/5330896/mo...Artigo PDF. Acesso em: 10 jul. 2023.

TARDIF, M., Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 655-676, jan./fev./mar./abr. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000100002&script=sci_abstract Acesso em: 24 mai. 2024.

TEIXEIRA, L. G.; SENNA, J. M. **Análise e Eficácia da educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: https//repositório.uniceub.br/jspui/handle/235/6649. Acesso em: 23 mai. 2024.

VALENTE, José A. A sala de aula invertida e as possibilidades do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. *In*: BACICH, H.; MORAN, José M. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Pemo, 2018. p.76-108.

VASCONCELOS, A. P. S.; SILVA, S. G. P. da.; SILVA, C. A. V. da. Perspectivas e Desafios no Uso das Tecnologias Digitais no ensino da EJA. **Enc. Int. de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v.11, n.1, 2018.

APÊNDICES

Apêndice I – Produto Consolidado

Descrição do produto

Com base nos estudos de pesquisa do material em questão e nas entrevistas no campo, sentimos a necessidade de trazer o acesso à leitura também fora do ambiente escolar. Uma solução proposta para abordar essa necessidade foi o desenvolvimento de jogos educativos digitais que permitam aos alunos jovens e adultos acessar materiais de leitura de forma conveniente e envolvente.

Os jogos educativos digitais foram projetados para serem acessíveis através de um link, garantindo que os alunos possam acessá-los facilmente em qualquer dispositivo com acesso à internet e em qualquer lugar. Dentro deste recurso, as contribuições apresentadas proporcionam uma reflexão sobre como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem facilitar a integração entre a alfabetização de jovens e adultos e as estratégias pedagógicas dos professores. Nesse processo, os próprios jovens e adultos se tornam coautores de sua jornada de aprendizagem.

O jogo educativo digital foi projetado para oferecer uma variedade de atividades de leitura adaptadas às necessidades e níveis de habilidade dos alunos da EJA. Isso poderia incluir histórias interativas, exercícios de compreensão de leitura e jogos de vocabulário, tudo apresentado de forma atraente e acessível. Esses jogos foram desenvolvidos para promover o aprendizado de alunos alfabetizandos na Educação de Jovens e Adultos, combinando educação e entretenimento, tornando, assim, o aprendizado mais interativo e divertido.

Aplicação

Este recurso foi desenvolvido para ser utilizado tanto por professores em suas práticas pedagógicas, quanto por alunos da Educação de Jovens e Adultos. Além disso, sua aplicabilidade se estende ao cotidiano dos alunos, pois a aprendizagem não se limita aos espaços escolares, permitindo que esses jovens e adultos utilizem o conhecimento adquirido em sua vida diária.

A expectativa é que estes jogos educativos digitais sejam uma ferramenta útil para integrar as TICs às estratégias pedagógicas, incentivando os professores de alfabetização da EJA a se empoderarem na utilização dessas tecnologias. Isso favorecerá o desenvolvimento dos

alunos jovens e adultos, utilizando uma abordagem que leve em consideração a realidade vivenciada em sala de aula. Seguem as etapas para a construção dos jogos, sua aplicabilidade e a forma de se trabalhar com eles:

1ª etapa: Desenvolvimento de jogos educativos digitais no apoio à alfabetização de alunos da EJA, integrando aprendizagens como ferramenta facilitadora do ensino aprendizagem.

2ª etapa: Planejamento dos jogos educativos digitais com palavras e definição destes: seleção dos conteúdos e temas, estrutura de jogabilidade, ou seja, elementos que incentivem a participação dos alunos, compartilhamento através de links, pelos meios de comunicação, no caso, o *WhatsApp*, interatividade através de sons de aplausos, scores, dentre outros.

3ª etapa: Escolha dos jogos: a) *palavras cruzadas digitais*, com vocabulário básico do dia a dia e layout com cores suaves, fontes legíveis e espaços claros; b) *jogo da memória digital*, com cartas contendo palavras relacionadas ao cotidiano dos alunos da EJA e outras com a imagem representativa dessas palavras, com design em cores suaves e imagens claras; c) *caça-palavras temático digital*, com palavras que deem sentido ao cotidiano dos alunos, com layout fundo claro, letras legíveis, espaçamento amplo entre as palavras; e d) *jogo de quebra-cabeça de palavras digital*, com palavras para serem rearrumadas, formando um sentido.

4ª etapa: Difundir os jogos educativos digitais para apreciação e depois compartilhar os links com os alunos da EJA onde a pesquisa de campo foi realizada.

Apêndice II – TCLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DA UNICARIOCA (MPNTDE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: **A Inclusão Digital Mediada pelo Docente no Processo de Alfabetização de Jovense Adultos**

Pesquisador (a) responsável: Hélia Maria Moura de Oliveira

Orientadora: Rosa Lidice de Moraes Valim

Convite: Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "**A Inclusão Digital Mediada pelo Docente no Processo de Alfabetização de Jovens e Adultos**", sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a): **Hélia Maria Moura de Oliveira**, aluna do curso de Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UniCarioca (MPNTDE), sob a orientação da Professora **Rosa Lidice de Moraes Valim.**

Justificativa: Este projeto consiste em postular sobre a importância da inclusão digital para os jovens e adultos, que os auxilia a assimilar melhor as informações, processando seus conhecimentos e propiciando a interação formal e não formal entre os grupos.

Objetivos:

***Geral:** Analisar se a inclusão digital contribui com estratégias metodológicas de ensino mais apropriadas à alfabetização de jovens e adultos, considerando o discente como coautor do processo de ensino aprendizagem, com o intuito de potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização, o aprendizado crítico e eficaz.

***Específicos:** (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito as metodologias trabalhadas na alfabetização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos; (2) realizar pesquisa bibliográfica acerca da formação do professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos, do processo de ensino aprendizagem junto a jovens e adultos, do uso de tecnologias digitais para potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização, o aprendizado crítico e eficaz;

(3) realizar a preliminar de pesquisa, respeitando as normativas da resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, para compreender contornos associados ao processo de alfabetização de jovens e adultos (perfil do aluno, perfil do professor, idade, ofertas, acesso, permanência, evasão escolar, metodologias e tecnologias digitais que correspondem e não correspondem às necessidades dos alunos; (4) Entrevistar profissionais envolvidos na alfabetização de Jovens e Adultos, por meio de perguntas semiestruturadas; (5) Analisar os dados obtidos nas entrevistas por meio da técnica da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2016); (6) Identificar como as tecnologias digitais podem contribuir para a prática pedagógica do docente envolvido na alfabetização de jovens e adultos; (7) Escrever um ebook a partir dos achados para servir como subsídio para pesquisas e práticas futuras.

Metodologia: Propõe-se, aqui, realizar pesquisa bibliográfica, uma preliminar de pesquisa por meio de conversas informais com profissionais atuantes na Educação de Jovens e Adultos e, posteriormente, entrevistas semiestruturadas com professores alfabetizadores da EJA. A preliminar de pesquisa tenciona fornecer subsídios para modelagem da pesquisa que será realizada a partir de entrevistas com professoras alfabetizadoras de Unidades Escolares (UEs) públicas nos municípios de Niterói e São Gonçalo do Estado do Rio de Janeiro, que atendem a modalidade EJA no horário noturno e situam-se em bairros distintos das respectivas cidades. Após permissão, as entrevistas serão realizadas por meio da plataforma digital WhatsApp e/ou Google Meet e serão gravadas e transcritas para posterior análise das informações.

O que se espera destas entrevistas: (1) os caminhos trilhados pelas professoras, em relação à alfabetização: metodologias, procedimentos, utilização das ferramentas digitais, conectividade na UE; (2) conhecer roteiro, planos de aula específicos para EJA; (3) se ocorrem aula passeio: visitas às artes e cultura da cidade e assuntosmais específicos aos conteúdos trabalhados; (4) se há evasão; (5) projetos específicos que desenvolvem e/ou participam. Posteriormente, os dados obtidos com as entrevistas serão analisados à luz da técnica da análise de dados segundo Bardin (1977), que auxiliará no estabelecimento de um diálogo entre esses documentos analisados e a fundamentação teórica sobre o processo de alfabetização dos alunos da EJA em coautoria com os docentes, através de tecnologias digitais. Esse material robusto permitirá à pesquisadora encontrar caminhos e fundamentos para construir conhecimentos entre os campos: comunicação/educação/tecnologias.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ : Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3°andar, - Maracanã- Rio de Janeiro, RJ, e-mail: coep@rs2.uerj.br-tel.: (21)2334-2180. O CEPCOEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Apêndice III – Questionário

Perguntas das entrevistas semiestruturadas com os professores a EJA nas UEs Alberto Francisco Torres e Altivo César, pertencentes à rede municipal de educação de Niterói/ RJ.

1. Quantos anos você tem?
2. Há quanto tempo você trabalha na EJA?
3. Você sente que os cursos, formações continuadas te preparam para a realidade da sala de aula?
4. Qual a sua formação?
5. Qual o propósito social da EJA?
6. Você poderia descrever como é o seu dia a dia de trabalho na EJA?
7. Quais desafios você percebe ao trabalhar na EJA?
8. O que você identifica como pontos de sucesso no trabalho que vem realizando na EJA?
9. Você, ao lecionar na UE, tem acesso a material didático específico, a tecnologias de informação e comunicação e metodologias específicas ao trabalhar na EJA?
10. Que impactos você acredita q as tecnologias de informação e comunicação podem ter junto aos alunos da EJA?
11. Você gostaria de sugerir alguma formação continuada para os professores que pretendem trabalhar na EJA, para que possam trabalhar melhor?

ANEXOS

Anexo I – Termo de Anuência Institucional

NITERÓI SEMPRE À FRENTE | Educação

NEST Núcleo de Estágio

Núcleo de Estágio - NEST

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos, para os devidos fins, que a Fundação Municipal de Educação de Niterói - FME vem formalizar Termo de Anuência com o Centro Universitário UniCarioca para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada: **"A inclusão digital mediada pelo docente no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos."**, sob orientação da Profª. Rosa Lidice de Moraes Valim com previsão de início em 31/10/2023 e término em 15/12/2023, nas escolas Drº Alberto Francisco Torres e Altivo César, da Rede Municipal de Educação de Niterói.

Declaramos ainda, que as partes, (UniCarioca, Hélia Maria Moura de Oliveira e FME) assumem o compromisso de cumprirem as Resoluções sobre éticas em pesquisa no Brasil, em especial as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que dispõe sobre a ética em pesquisa com humanos de nº 466/2012, nº 510/2016, como também, a Lei Geral de Proteção de Dados de nº 13.709/2018.

Ressaltamos que a FME dispõe da infraestrutura necessária para garantia da realização da pesquisa, autorizando a sua execução.

Nestes termos, firmamos o presente.

Niterói, 24 de outubro de 2023.

Fundação Mucipal de Educação
Priscilla P. F. Pereira
Matrícula 236.207-7
Núcleo de Estágio

Solange Santiago Ferreira
Coord. do Núcleo de Estágio
Mat. 231293-5/FME

CONCEDENTE

Anexo II – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INCLUSÃO DIGITAL MEDIADA PELO DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pesquisador: HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75617723.8.0000.5282

Instituição Proponente: ASSOCIACAO CARIOCA DE ENSINO SUPERIOR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.676.975

Apresentação do Projeto:

Projeto do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação de Helia M. Moura de Oliveira da Associação Carioca de Ensino Superior, orientada pela profa. Rosa Lidice de Moraes Valim.

Introdução

Tecnologias digitais para a educação inclusiva e cidadã de jovens e adultos representa o tema sobre o qual está se debruçando esta dissertação intitulada a inclusão digital mediada pelo docente no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos. A respeito do mencionado tema, importante postular sobre a importância da inclusão digital para os jovens e adultos, que os auxilia a assimilar melhor as informações, processando

seus conhecimentos e propiciando a interação formal e não formal entre os grupos (VASCONCELOS, DA SILVA & DA SILVA, 2018). A Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9394/96, visa atender as necessidades dos jovens e adultos que não tiveram ou não concluíram os estudos na idade regular. Além da equivalência de direitos e oportunidades educacionais, a LDB estabelece outros princípios para a EJA, como igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de qualidade de ensino, valorização da experiência escolar anterior e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho a as práticas sociais (BRASIL, 1996). Na modalidade, o docente busca um currículo transformador para

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. Sl 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br

educando jovem e adulto. Tecnologias digitais para uma educação mais inclusiva podem ser compreendidas como um importante recurso para promover a educação mais inclusiva e acessível. Essas tecnologias oferecem recursos e ferramentas que podem auxiliar alunos com diferentes necessidades e perfis, além de permitir uma maior flexibilidade no processo de aprendizagem. E, para além podem dar um arcabouço de novas competências aos docentes na democratização de suas práticas pedagógicas. É importante lembrar que as tecnologias digitais devem ser utilizadas
de forma consciente, crítica e autônoma respeitando as particularidades e diversidade dos alunos da EJA (VASCONCELOS, DA SILVA & DA SILVA, 2018). É fundamental também que todos os alunos tenham acesso a esses recursos tecnológicos necessários à participação plena de uma
educação inclusiva, que objetiva garantir a igualdade de oportunidades e o acesso ao conhecimento, independente da origem, raça, gênero, idade, condição física e mental. Trabalhar-se-á com educação inclusiva e cidadã utilizando as tecnologias digitais como mediadoras, com finalidade de aproximar o discente dessas tecnologias digitais, gerando um novo âmbito para esse aluno ser introduzido na sociedade com melhores oportunidades, diminuindo o abismo social (SILVA; GOMES, 2021). E, o papel do docente, num viés pedagógico é alfabetizar esses alunos jovens e adultos atendendo-os para que alcancem a igualdade de oportunidades e a inclusão social (ARANHA e SOUZA, 2018).Este capítulo está
segmentado em 3 partes, a saber: o item 1.1 que discorre sobre a inquietação e a justificativa da pesquisa, o item 1.2, que se debruça sobre os elementos estruturantes da pesquisa: problema, hipótese e objetivos e, por último, o item 1.3, que descreve os riscos e benefícios inerentes a esta pesquisa.

Metodologia de Análise de Dados:

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, utiliza-se a técnica conhecida como análise de conteúdo de Bardin (2016), que viabiliza análise profunda, sistemática, organizada; a interpretação de dados qualitativos e a descoberta de significados presentes nos materiais coletados.

Através desta análise de conteúdo é possível transformar o material bruto (texto, imagens, áudios) em dados mais organizados e facilmente interpretáveis. De acordo com Bardin (2016), a técnica consiste em um conjunto de processos organizados para tornar concreta a interpretação do conteúdo, permitindo a identificação de temas, categorias, subcategorias e unidades de análise que emergem dos dados. Bardin (2016) destaca fases para que a análise seja realizada: (1) pré-análise, (2) exploração do material para a codificação e categorização das unidades de análise, (3) tratamento dos resultados obtidos.

Na pré-análise, o pesquisador lê o material coletado, identifica as ideias centrais e conceitos presentes no conteúdo, seleciona os trechos que possam ser analisados separadamente e define as categorias das unidades de análise, que serão utilizadas para classificá-las e agrupá-las.
Também se define as hipóteses, os objetivos, assim como, os critérios de análise. Na exploração do material para a codificação e categorização das unidades de análise, realiza-se o agrupamento das informações em categorias e subcategorias. Já no momento do tratamento dos resultados obtidos, ocorre a interpretação dos resultados, a identificação de padrões, tendências e relações entre as categorias e subcategorias. Ao final os
resultados são apresentados e discutidos, relacionando-os à hipótese e ao objetivo da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:
Esta dissertação objetiva refletir sobre estratégias metodológicas de ensino mais apropriadas à educação de jovens e adultos, considerando o discente como coautor do processo de ensino aprendizagem com o intuito de potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a socialização, o aprendizado crítico e eficaz.
Objetivo Secundário:
Para tanto, precisa-se (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito as metodologias trabalhadas na alfabetização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos; (2) realizar pesquisa bibliográfica acerca da formação do professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos, do processo de ensino aprendizagem junto a jovens e adultos, do uso de tecnologias digitais para potencializar o interesse, o prazer, a autonomia, a inclusão, a
socialização, o aprendizado crítico e eficaz; (3) realizar a preliminar de pesquisa, respeitando as normativas da resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, para compreender contornos associados ao processo de alfabetização de jovens e adultos (perfil do aluno, perfil do professor, idade, ofertas, acesso, permanência, evasão escolar, metodologias e tecnologias digitais que correspondem e não correspondem às necessidades
dos alunos; (4) fazer um relato de experiência para entender como as tecnologias digitais podem trazer contribuições para a prática pedagógica do docente envolvido na educação de jovens e adultos; (5) analisar dados do campo à luz dos dados bibliográficos – valendo-se da técnica da análise de conteúdo de Bardin (2016) – com vias a compreender informações relevantes a respeito de como a inclusão digital poderá favorecer, instrumentalmente, discentes da EJA, para que eles possam alcançar seu aprendizado com vias a interação social, tendo o docente um cooperador nesse processo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Dentre os riscos inerentes à esta pesquisa destacam-se: (1) a pesquisa coletará dados pessoais dos participantes, o que pode deixar algumas pessoas desconfortáveis e preocupadas; (2) a pesquisa questionará os participantes a respeito de questões que para eles são importantes e um tanto pessoais e neste sentido pode gerar grandes expectativas a respeito dos desfechos e do produto final, (3) a pesquisa, ao indagar sobre o uso

de tecnologias digitais a pessoas humildes, pode fazer com que estas acabem por perceber sua condição de exclusão, não antes consciente, o que pode gerar incômodo. Para mitigar tais riscos tomar-se-á os seguintes cuidados: será feito um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que afirmará o sigilo dos dados dos participantes, bem como esclarecerá o propósito da pesquisa e o desenrolar das atividades de pesquisa inerentes à dissertação. Não há a necessidade do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), pois o trabalho será feito junto à adultos.

Benefícios:

Já dentre os benefícios, destacam-se: (1) a possibilidade de a pesquisa promover maior inclusão social, consciência cidadã e acesso à educação e cidadania; (2) a possibilidade de ajudar os participantes a desenvolverem habilidades tecnológicas para a participação cidadã e empregabilidade; (3) a possibilidade de colaboração entre alunos da EJA e docentes durante o desenvolvimento da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As alterações foram realizadas nos documentos do projeto e possibilitaram sua análise ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram devidamente alterados, contemplando as demandas da análise realizada e descrita no parecer n. 6.516.825.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ deliberou pela APROVAÇÃO deste projeto, visto que não há implicações éticas. Dessa forma, a pesquisa já pode ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar o Relatório Anual - previsto para fevereiro de 2025. O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ deverá ser informado de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ



e/ou os resultados não sejam publicados.

Tendo em vista a legislação vigente, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UERJ recomenda ao(à) Pesquisador(a): Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e/ou no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para análise das mudanças; informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; o comitê de ética solicita a V.S.ª que encaminhe a este comitê relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e, ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2207470.pdf	18/12/2023 22:07:13		Aceito
Outros	Documento_Carta.pdf	18/12/2023 22:04:24	HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	T_C_L_E.pdf	18/12/2023 22:01:00	HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Plataforma_Brasil.docx	18/12/2023 21:48:18	HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	T_A_I.pdf	26/11/2023 22:51:44	HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAdeROSTO.pdf	10/10/2023 16:05:35	HELIA MARIA MOURA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. Sl 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br

RIO DE JANEIRO, 29 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
Rosa Maria Esteves Moreira da Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. Sl 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br

Anexo III – Jogos Educativos Digitais

1. Exercício de palavras cruzadas temática para introduzir o aluno na escrita das palavras-frutas.



Link e/ou QR Code para acesso ao jogo de palavras cruzadas

wordwall.net/pt/resource/71903633

2. Exercício de caça-palavras temático para introduzir o aluno na escrita através da descoberta das palavras-bairros de Niterói.



Link e/ou QR Code para acesso ao jogode caça-palavras

wordwall.net/pt/resource/71895689

3. Exercício de jogo da memória temático para introduzir o aluno a memorização e conhecimento através de imagens das diversas profissões.



Link e/ou QR Code para acesso ao jogo da memória

wordwall.net/pt/resource/71898438

4. Exercício do jogo de quebra-cabeça temático para introduzir no aluno as frases e sua ordenação -ditos populares.



Link e/ou QR Code para acesso ao jogo de qubra-cabeça

wordwall.net/pt/resource/71898977

